



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

NEURILENE DE JESUS OLIVEIRA

**RISCOS E RABISCOS: AS CONTRIBUIÇÕES DO DESENHO INFANTIL NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2019

NEURILENE DE JESUS OLIVEIRA

RISCOS E RABISCOS: AS CONTRIBUIÇÕES DO DESENHO INFANTIL NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Monografia apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins –
Campus Universitário de Miracema do
Tocantins para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia, sob
orientação da Professora Doutora Brigitte
Ursula Stach Haertel.

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- O48r Oliveira, Neurilene de Jesus.
Riscos e rabiscos: as contribuições do desenho infantil no processo de aprendizagem. / Neurilene de Jesus Oliveira. – Miracema, TO, 2019.
71 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2019.
Orientadora : Brigitte Ursula Stach Haertel
1. Apontamentos históricos sobre o desenho da criança. 2. O papel do professor diante do desenho infantil. 3. O desenho infantil e seus estágios segundo autores contemporâneos. 4. Análise dos desenhos. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

NEURILENE DE JESUS OLIVEIRA

RISCOS E RABISCOS: AS CONTRIBUIÇÕES DO DESENHO INFANTIL NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM

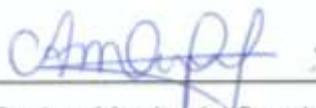
Monografia foi avaliada e apresentada à
UFT – Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus de Miracema, Curso de
Pedagogia, para obtenção do título de
Licenciada e aprovada em sua forma final
pela Orientadora e pela Banca
Examinadora.

Data de Aprovação 28/11/2019.

Banca Examinadora:



Prof.ª Dr.ª Brigitte Ursula Stach Haertel, Orientadora, UFT



Prof.ª Dr.ª Ana Corina Machado Spada, Examinadora, UFT



Prof.ª Dr.ª Rosemeri Birck, Examinadora, UFT



Fonte: Acervo da autora (Oliveira, 2019)

Dedico este trabalho de conclusão de curso às crianças, em especial ao meu filho Victor Gabriel e aos meus sobrinhos Ana Vitoria, Enzo Gabriel, Evely Monique e Ana Beatriz. Estas são dignas de novas reflexões que através do ilustre ato de desenhar, **nos convidam** a nos apaixonar pelos seus traços, por suas cores e **nos convidam** para esse mundo surpreendente que o desenho nos proporciona.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus! Obrigado Senhor por estar ao meu lado, sempre me encorajando a caminhar e nunca desistir.

Com carinho especial à minha mãe Maria Jose que é minha joia, mais preciosa, que sempre me incentivou em todo esse percurso. Encorajando-me com suas sábias palavras; meu maior exemplo de força, coragem e determinação. Uma mulher guerreira: tenho orgulho de ser uma de suas filhas.

Ao meu namorado Geraldo, que sempre esteve presente em cada etapa desta monografia, me apoiando desde o início sendo um amigo e parceiro. Sou grata por você fazer parte desta nova etapa da minha vida, fazendo-se presente em todos os momentos alegres; também nos tristes. E, a cada instante, conseguiu compreender o meu silêncio, as minhas angústias, ausências, inquietações até porque não sou uma pessoa fácil... Mas dizem que o amor é cego. Em todas as minhas aflições você sempre me transmitiu a segurança necessária para que eu pudesse construir todo esse percurso.

Não poderia deixar de falar do meu bem mais precioso que Deus me deu: o meu filho Victor Gabriel. Quero pedir desculpas por minha ausência; pela minha falta de paciência!; Você sabe que você é o meu alicerce, minha maior inspiração. Por você que continuo indo em frente sem desistir dos meus propósitos; você é o meu tudo, meu companheiro de todas as horas.

As minhas irmãs Aclene e Neudilene: sei que não sou uma irmã perfeita, mas tento ser a melhor mesmo com todos os meus defeitos; apesar de não ter o gênio fácil, peço desculpas por não estar tão presente na vida de vocês como eu gostaria. Agradeço a cada uma de vocês por me apoiar nesse momento tão particular, pela torcida e principalmente pelo apoio. Quero dizer que vocês fazem parte da minha caixinha de joias mais preciosas.

À minha orientadora, professora Dr^a Brigitte Úrsula Stach Haertel, por seu carinho, compreensão e companheirismo durante esta ampla construção de conhecimento.

Aos meus queridos professores, por sua dedicação, pelos seus ensinamentos ao longo da minha trajetória acadêmica. Com vocês pude aprender a construir vários caminhos e conhecimentos. Obrigado pelo direcionamento, pelo acolhimento e pelas contribuições em minha formação acadêmica!

Ah... Não poderia deixar de citar a eterna Tuma de 2014/1. **Essa sim** vai deixar saudades para os docentes. Turma na qual pude fazer amigos: ao longo desta trajetória construímos e dividimos muitos conhecimentos partilhamos de várias alegrias e tristezas e até algumas briguinhas saudáveis de vez em quando.

Agradeço em especial a minha amiga Márcia, que participou com carinho, sempre me incentivando com palavras que me encorajavam ainda mais diante dos obstáculos. Posso dizer que ganhei uma irmã, passamos por tanta coisa nessa trajetória acadêmica que com certeza quero levar sua amizade para a vida toda.

E não poderia deixar de falar da minha amiga Raimunda, que deixou marcas em todos com sua alegria que contagia todo mundo só quero te agradecer por você ter surgido na minha vida.

E a você minha amiga Juliete Predi, foi um prazer ter conhecido você apesar do seu jeito tímido, espero levar nossa amizade para a vida toda. Obrigado pelo aprendizado, por me proporcionar uma experiência inexplicável. Espero voltar várias vezes na sua aldeia Porteira.

Gratidão por todos que se preocuparam com meu bem estar, e por me ajudarem nos momentos, mais difíceis e decisivos da minha vida.

E a todos aqueles que participaram direta e indiretamente desta minha caminhada, deixando que os desejos do meu coração indicassem o meu caminho.



Fonte: Acervo da autora (Oliveira, 2019)

Existem três condições para que uma criança se expresse pelo desenho “um olhar que veja, uma mão que obedeça e uma alma que sinta”.

(Maria Montessori)

RESUMO

Desde o século XIX, o desenho infantil vem sendo estudado por diferentes pesquisadores. Estes estudos analisaram o desenvolvimento das crianças e apontaram diversas concepções pedagógicas para desvendar o que ocorre quando elas desenhavam. A presente pesquisa dispõe sobre a temática do desenho infantil e suas contribuições para o processo de aprendizagem da criança na Educação Infantil. Utilizou-se da metodologia de pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, com abordagem qualitativa. A investigação tem como objetivo reconhecer as crianças, por meio da descrição de uma atividade realizada na pré-escola, através da coleta e análise dos desenhos infantis. Constatando como o desenho pode proporcionar uma aprendizagem mais enriquecedora e estimuladora para a criança. Concluímos que devemos nos preocupar com educação infantil dando ênfase para infância, especificamente com o desenvolvimento e os interesses das crianças, revelando a importância do desenho infantil na aprendizagem e formação da criança como sujeito da pré-escola. A partir do levantamento bibliográfico utilizamos o desenho como instrumento de investigação para realizar a coleta dos dados. Este recurso foi fundamental favorecendo a interpretação dos esboços e levando-nos a descobertas inimagináveis- a respeito da linguagem imagética infantil estabelecendo uma relação direta entre tais registros com o processo de ensino-aprendizagem. Fundamentamos nossa pesquisa em autores como Albano (2012); Bédard (2013); Derdyk (1989); Lowenfeld (1977); Méredieu (2006) entre outros. Os estudos realizados por estes autores tiveram maior habilidade para dar continuidade a este trabalho. Com os resultados da pesquisa foi possível analisar a produção das crianças, isto é, o bem mais precioso de uma sociedade. E esse bem precioso carece de um sistema educacional, onde a preferência seja o equilíbrio entre o pensamento, o sentimento e a percepção da criança. O desenho não pode ser visto como instrumento de mero passa tempo, e sim um aliado da educação.

Palavras-chave: Educação Infantil, Desenhos, Registros.

RESUMEN

Desde el siglo XIX, el dibujo infantil ha sido estudiado por diferentes investigadores. Estos estudios analizaron el desarrollo de los niños y señalaron varias concepciones pedagógicas para desvelar lo que sucede cuando dibujan. Esta investigación aborda el tema del dibujo infantil y sus contribuciones al proceso de aprendizaje de los niños en la educación de la primera infancia. Utilizamos la metodología de investigación bibliográfica e investigación de campo, con enfoque cualitativo. La investigación tiene como objetivo reconocer a los niños a través de la descripción de una actividad realizada en preescolar, a través de la recopilación y análisis de dibujos de niños. Observando cómo dibujar puede proporcionar un aprendizaje más enriquecedor y estimulante para el niño. Concluimos que deberíamos preocuparnos por la educación de la primera infancia con énfasis en la infancia, específicamente con el desarrollo y los intereses de los niños, revelando la importancia del dibujo infantil en el aprendizaje y la capacitación de los niños como asignaturas preescolares. De la encuesta bibliográfica usamos el dibujo como un instrumento de investigación para realizar la recolección de datos. Este recurso fue fundamental para favorecer la interpretación de los bocetos y llevarnos a descubrimientos inimaginables sobre el lenguaje imaginario de los niños que establece una relación directa entre dichos registros y el proceso de enseñanza-aprendizaje. Basamos nuestra investigación en autores como Albano (2012); Bédard (2013); Derdyk (1989); Lowenfeld (1977); Méredieu (2006) entre otros. Los estudios realizados por estos autores tuvieron mayor capacidad para continuar este trabajo. Con los resultados de la investigación fue posible analizar la producción de niños, es decir, el bien máspreciado de una sociedad. Y esta preciosa mercancía carece de un sistema educativo donde se prefiera el equilibrio entre el pensamiento, el sentimiento y la percepción del niño. El dibujo no puede ser visto como un instrumento del mero tiempo, sino como un aliado de la educación.

Palabras clave: Educación de la primera infancia, dibujos, registros.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE O DESENHO DA CRIANÇA | 14 |
| 3 A IMPORTANCIA E O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DO DESENHO INFANTIL | 19 |
| 4 O DESENHO INFANTIL E SEUS ESTÁGIOS SEGUNDO AUTORES CONTEMPORÂNEOS | 25 |
| 5 PESQUISA DE CAMPO: A CRIANÇA E SEUS DESENHOS | 48 |
| 6 ANÁLISE DOS DESENHOS | 58 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 66 |
| REFERÊNCIAS..... | 68 |
| ANEXO | 70 |

1 INTRODUÇÃO

O desenho infantil é um universo cheio de mundos a serem explorados; não é, simplesmente, uma atividade descomprometida. Podemos afirmar que a criança desenha com o corpo inteiro. Por intermédio do desenho a criança conta suas histórias, revela seus pensamentos, expõe suas fantasias, transparece seus medos, desvela suas alegrias e evidencia suas tristezas. Cada desenho tem seu significado próprio. As representações da criança vão do caos à ordem, do mágico ao concreto. Com o decorrer do tempo vai assumindo formas específicas.

A partir destas evidências esta pesquisa buscou estudar o desenho infantil, muitas vezes, negligenciado durante o processo de ensino e aprendizagem; e, por vezes, interpretado como um mero passa tempo nas atividades escolares.

Esta pesquisa tem como finalidade analisar a contribuição do desenho infantil no processo de aprendizagem de uma criança. A escolha por esta temática baseou-se em minhas inquietações sobre o desenho infantil e sua relação com a aprendizagem escolar da criança.

Ao fazer uma retrospectiva de minha infância, lembro-me que o ato de desenhar esteve presente nos diversos momentos da minha vida. Desde cedo fui incentivada por minha mãe, não alfabetizada, a utilizar os mais variados tipos de materiais que me possibilitavam experimentar diversas criações e sensações.

Na adolescência, o desenho esteve presente nas minhas confissões pessoais, na expressão das minhas vontades e na revelação dos meus desejos. Nas aulas do Colegial, atualmente denominado Ensino Médio, durante as atividades da disciplina de Artes - nem tão aulas de "artes" assim, uma vez que não abordavam a temática em profundidade - fui reconhecendo a potencialidade própria do ato de desenhar.

Na minha trajetória acadêmica, durante o estágio, tive a oportunidade de confrontar as teorias sobre o desenho infantil com a realidade vivida em sala de aula, tanto aquele realizado junto à Educação Infantil, creche e pré-escola, quanto nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Ao longo do curso de Pedagogia, começaram a aflorar algumas perguntas sobre o desenho infantil, tais como: "Por que a criança desenha? Qual o significado do desenho para os pequenos?" dentre tantas outras indagações pessoais que foram me ocorrendo.

Tenho um filho de 09 anos de idade e sempre o estimulei a desenhar mesmo antes de entrar na Educação Infantil, o que ocorreu aos quatro anos, idade em que ele já fazia os seus próprios rabiscos em folha de papel sulfite e eu, toda orgulhosa, colava alguns de seus desenhos na parede do quarto e guardava outros tantos. Acredito terem sido estas possibilidades de contato com os desenhos, desde cedo, valiosas contribuições para o processo de alfabetização de meu filho, favorecendo sua compreensão da linguagem escrita como uma forma de representação da realidade.

A partir de minha experiência durante o estágio curricular supervisionado em 2017, pude constatar que a atividade do desenho está pouco presente como instrumento pedagógico. Suas amplas possibilidades não são exploradas em toda a sua potencialidade em sala de aula. Parcela significativa de educadores limitam-se aos livros didáticos sem explorar alternativas outras com essas crianças.

Ao longo das atividades formativas proporcionadas pelo estágio, tive a oportunidade de observar e conviver com crianças que faziam parte de turmas da pré-escola e do 2^a ano do Ensino Fundamental na instituição escolar onde atuei como estagiária. Diante do exposto, acredito que a escola poderia dar mais ênfase ao desenho, uma vez que este, desde os primeiros anos de vida da criança, está presente em suas experiências e atividades.

Diante das minhas inquietações, sobre o tema abordado, investigamos o seguinte problema de pesquisa: como o desenho infantil pode contribuir para o processo de aprendizagem da criança na Educação Infantil?

Para desenvolver esta pesquisa a metodologia utilizada constituiu-se de pesquisa bibliográfica e de pesquisa de campo com abordagem qualitativa. Onde a metodologia foi o trabalho com desenho livre e o desenho com interferência, onde tivemos como protagonistas as a criança. Com base nos pressupostos de autores que desenvolveram seus estudos sobre o desenho infantil, destacando entre eles Viktor Lowenfeld e Brittain (1977), Florence Méredieu (2006), Edith Derdyk (1989), Ana Angélica Albano (2012). Vale ressaltar que também consultamos documentos oficiais tais como: A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de (LDB, 1996), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017). Inspiramo-nos ainda nas contribuições da pedagoga Nicole Bédard (2013) para a compreensão e interpretação de alguns dos desenhos obtidos na pesquisa de campo.

Para atingir ao propósito desta investigação estruturamos a presente monografia em seis seções. Na primeira seção, intitulada “Apontamentos históricos sobre o desenho da criança”, discutiremos inicialmente a história do desenho infantil enquanto apropriação representativa do mundo, bem como, sua utilização como ferramenta de comunicação humana.

A segunda seção, intitulada “A importância e o papel do professor diante do desenho infantil”, exploramos os documentos oficiais que norteiam a Educação Infantil abordando a importância da mediação pedagógica do professor no processo de desenvolvimento da criança.

A terceira seção é dedicada à discussão: “O desenho infantil e seus estágios segundo autores contemporâneos” na qual apresentamos as fases do desenho segundo quatro importantes autores da temática, Berson (Mériedieu, 2006); Luquet (1969); Lowenfeld (1977); Piaget (1976), que nos trazem relevantes contribuições para a compreensão dos estágios do desenho infantil.

Na quarta seção “A criança e seus desenhos” apresentamos a pesquisa de campo realizada com Os participantes da pesquisa, entre quatro e cinco anos, aplicando a técnica do desenho livre.

A quinta seção “Análise dos desenhos” apresenta a segunda atividade realizada com as crianças, o desenho com mediação a partir da história “Menina bonita do laço de fita” organizando os resultados a partir da discussão das fases de expressão pictórica proposta por- Lowenfeld (1976).

Para concluir, nas "Considerações Finais", complementamos nossa discussão demonstrando que o desenho infantil é a primeira manifestação gráfica de uma criança, por intermédio da qual expressa suas ideias, seus pensamentos e suas emoções podendo nos revelar patrimônios muito bem arquivados em sua mente. A análise de um desenho poderá nos trazer impressões nem sempre coincidentes com quem o produziu; em função disto defendemos a importância do embasamento teórico. Compreendemos enfim, que o desenho em si traz valiosas informações e abre reflexões preciosas a respeito de uma criança.

2 APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE O DESENHO DA CRIANÇA

Neste capítulo faz-se um resgate histórico do desenho infantil enquanto apropriação representativa do mundo, bem como, de sua utilização como ferramenta da comunicação humana. Deste modo, o desenho infantil nos leva a pensar a respeito de sua relevância para o desenvolvimento cognitivo da criança e sobre a importância de utilizá-lo como ferramenta educativa na educação infantil.

Derdyk afirma que,

O homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, indícios de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra (DERDYK, 1990, *apud* HANAUER, 2011, p. 3).

Podemos dizer que a história do desenho surgiu basicamente ao mesmo tempo em que a do ser humano. Os povos primitivos já utilizavam o desenho como forma de representação no seu cotidiano. O homem pré-histórico deixou sua marca nas cavernas, representou imagens, criou símbolos e registrou a sua história; expressando assim as suas experiências de uma forma intensa.

Com o passar dos tempos essa arte rupestre foi utilizada pelo homem como sinais gráficos. A partir desse momento o desenho deixou de ser usado para representar apenas acontecimentos do cotidiano, passando a ter a função de sua própria comunicação.

Derdyk afirmar que,

O desenho possui uma natureza específica, particular em sua forma de comunicar uma ideia, uma imagem, um signo, através de determinados suportes: papel, cartolina, lousa, muro, chão, areia, madeira, pano, utilizando determinados instrumentos: lápis, cera, carvão, giz, pincel, pastel, caneta hidrográfica, bico-de-pena, vareta, pontas de toda espécie (DERDYK, 1989, p. 18).

O homem da pré-história deixou inúmeros registros nas rochas das cavernas da sua época como: seres humanos, plantas, animais e situações de seu mundo, materializando visualmente os seus pensamentos e, principalmente suas experiências do dia a dia. A história nos revela que, tanto na antiguidade egípcia, quanto na antiguidade grega o ser humano foi deixando registros das suas histórias

através de desenho; representações essas que nos possibilitam compreender como organizavam os seus pensamentos e suas histórias.

O desenho é uma forma de linguagem que tem seus próprios códigos e para se aproximar do que ele expressa, é preciso fazer uma escuta atenta enquanto ele é produzido e a relação entre a aquisição da escrita e a diminuição do desenho ocorre porque a escola dá pouco espaço a este quando a criança se alfabetiza (MARTINS, 2012, *apud* CORREIA, 2016, p. 06).

Podemos dizer que o desenho é uma linguagem universal que pertence a uma sociedade em que a cultura vai se firmando em diferentes gerações. Cada uma com suas características próprias, cheias de histórias. Sendo assim, o desenho assumiu diferente papéis em cada sociedade.

Nogueira (1989) *apud* Sans (1995, p. 13) afirma que “o homem é um ser cuja responsabilidade é construir-se construindo o mundo (...), ele se modela na ação pela qual transforma constante e criativamente a realidade histórico-social em que vive”.

O ser humano não evolui apenas pelos aspectos fisiológicos. Ao nascer, a criança é herdeira natural da cultura de uma sociedade na qual está sendo inserida. O indivíduo, no entanto, irá se deparar com a língua, com objetos e os signos do meio em questão. A criança recebe todas essas informações desta esfera social a qual deverá se integrar.

Segundo Simas (2011, p. 25), da mesma forma que o desenho constituiu-se como forma de expressão para as civilizações primitivas, ele continua sendo a primeira manifestação gráfica da criança. Ao desenhar, a criança registra as suas marcas, suas alegrias, suas descobertas, suas fantasias, suas tristezas e também representa o mundo à sua maneira.

Para Méredieu, o desenho é para ser lido como um todo e é a expressão de um desejo da criança. Segundo suas ideias “desenho é objeto de interpretação, pois o que importa não é mais o grafismo propriamente dito, mas o que ele designa o sentido que remete. Grafismo concebido como simples reflexo. Espelho onde se perfila o eu.” (MÉREDIEU, 2006, p. 62).

O desenho infantil tem sido constituído como um tema de pesquisa de vários investigadores acadêmicos, e foi no final do século XX que o interesse por ele começou a ser estudado por diferentes áreas de conhecimento. O desenho é um artifício em que a criança se comunica. Assim, o riscar na idade infantil, mais do que

uma brincadeira, é uma das principais expressões da criança; fazendo referências com o meio em que vive e com os quais ela se identifica. Isso porque o desenho em si já oferece uma ampla gama de possibilidades, sendo muito importante para o seu processo de crescimento sensorial e emocional.

Mèredieu (2006, p. 2) afirma que, os estudos sobre o desenho foram se ampliando e as áreas que se beneficiaram com essa expansão foram a Psicologia, a Pedagogia, a Sociologia e a Estética. Sob a influência de Rosseau na Pedagogia abriu-se espaço para distinguir as diversas fases do desenvolvimento gráfico da criança.

Para a pedagogia o desenho é um meio de desenvolvimento da comunicação da criança, e através de cada fase do desenho é que o professor consegue identificar em qual estágio cada criança está.

Bérdad (2013, p. 7) resalta que, analisar um desenho não é o mesmo que interpretá-lo, pois existe uma diferença real e concreta entre ambos os conceitos. A análise responde a um enfoque técnico e racional e se fundamenta em bases solidamente comprovadas. A interpretação dos desenhos das crianças é o resultado ou a síntese da análise.

Para o pedagogo que possui experiência com análise da escrita, torna-se mais fácil à análise dos desenhos. A autora acima traz em seu livro *Como interpretar os desenhos das crianças*, os princípios básicos da análise.

Bérdad afirma que,

Os desenhos permitem-nos incrementar consideravelmente nossos dados sobre o temperamento, o caráter, a personalidade e as necessidades da criança. Assim, ajuda-nos a descobrir e a reconhecer as diferentes etapas pelas quais atravessa (BÉRDAD, 2013, p. 59).

O desenho é considerado uma parte importante na formação do conceito de representação, e contribui para a construção do entendimento da escrita como um sistema de representação. Dessa forma, destacamos que o desenho e a escrita, apesar de parecerem distintas, são duas linguagens que interagem e muitas vezes se complementam.

Apenas alguns adultos conseguem compreender o quão representativo é o desenho infantil; ele pode ser revelador do grau de maturidade da criança, do equilíbrio emocional e afetivo, bem como do desenvolvimento motor e cognitivo da criança. Dentre vários autores que falam sobre o desenho Derdyk afirma que:

O desenho constitui para criança uma atividade total, englobando o conjunto de suas potencialidades e necessidades. Ao desenhar, a criança expressa à maneira pela qual se sente existir. O desenvolvimento do potencial criativo na criança, seja qual for o tipo de atividade em que ela se expresse, é essencial ao seu ciclo inato de crescimento. Similamente, as condições para o seu pleno crescimento (emocional, psíquico, físico, cognitivo) não podem ser estáticas. (DERDYK, 1989, p. 52).

O autor quer dizer que a criança é extremamente fiel às suas necessidades existenciais. O mesmo autor afirma que, “Para a criança, desenhar, criar e agir manifestam-se de uma forma solta, flexível, às vezes aparentemente caótica. O que a criança realiza, o faz em necessidade de seu próprio crescimento.” (DERDYK, 1989, p. 52).

Por volta de 1926 Sophie Morgenstern¹ introduziu o desenho no tratamento psicanalítico, em uma criança de 9 anos. O caso foi tratado como um episódio de mutismo² de caráter neurótico; sendo assim Morgenstern recorreu ao desenho para poder se aproximar desta criança e abrir um canal de comunicação. Graças à utilização do desenho no tratamento desta criança o distúrbio foi sendo superado pouco a pouco, em uma espécie de catarse alcançando a sua progressiva cura. (MÉREDIEU, 2006, p. 2)

De acordo com Bédard:

O desenho representa, em parte, a mente consciente, mas também, e de maneira mais importante, faz referência ao inconsciente. Não devemos esquecer-nos de que o que nos interessa é o simbolismo e as mensagens que o desenho transmite-nos, não a sua perfeição estética (BÉDARD, 2013, p. 8).

Diante disso podemos afirmar que a criança tem a necessidade de se expressar e usa o desenho para transmitir algo. A mesma se realiza quando, por meio de seus rabiscos e garatujas, consegue desenvolver seu imaginário infantil.

¹ Foi psiquiatra e psicanalista francesa, Ela é conhecida na França como a pioneira da psicanálise infantil. Ela veio a Paris nos anos 1920, onde foi analisada por Eugénie Sokolnicka, um dos primeiros psicanalistas freudianos presentes na França. Ela trabalhou no Hospital Vaugirard, sob a direção de Georges Heuyer, a partir de 1924. Suas inovações incluíram o uso de desenhos em psicoterapia infantil. Ela cometeu suicídio em junho de 1940, depois que os nazistas entraram em Paris.

² É um transtorno psicológico caracterizado pela recusa em falar em determinadas situações, mas em que o indivíduo consegue falar em outras. É descrito como uma desordem psicológica mais frequente nas crianças. Crianças e adultos com o transtorno são capazes de falar e compreender a linguagem, mas não o fazem em certas situações sociais, quando é o que se espera deles. Como exemplo, uma criança pode ficar completamente calada na escola, por anos, mas falar a vontade em casa.

Derdyk (1989, p. 19) ressalta que a criança, enquanto desenha, canta, dança, conta histórias, teatraliza, imagina ou até silencia. Ao produzir o desenho, ela é instigada a outras manifestações, o que permite uma grande caminhada pelo seu imaginário, uma vez que “[...] o desenho também é manifestação da inteligência, a criança vive a inventar explicações, hipóteses e teorias para compreender a realidade” (DERDYK, 1989, p. 54).

Conforme explica Mèredieu,

Não parece inútil esclarecer as motivações que deram origem a esse interesse pelo desenho infantil, já que existe uma “estreita conexão entre as ideias filosóficas dominantes no momento e o estudo da criança em geral e o estudo de suas produções gráficas em particular” (MÉREDIEU, 2006, p. 2).

Esse universo infantil é reformulado frequentemente; assim a criança constrói e reconstrói várias possibilidades de ampliar o seu campo de influência aumentando sua capacidade de ação e atuação. Suas condições físicas, emocionais e intelectuais contribuem para esse processo. Portanto, “[...] a criança que tem bastante oportunidade para desenhar certamente, irá explorar uma maior quantidade de tipos variados de grafismos” (DERDYK, 1989, p. 59).

É de suma importância ressaltar que em função do esforço gráfico das crianças, observa-se que, com o tempo, vão obtendo uma consistência maior em suas expressões tornando os seus desenhos mais aprimorados.

3 A IMPORTÂNCIA E O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DO DESENHO INFANTIL

A Educação Infantil no Brasil até pouco tempo não tinha por foco priorizar a formação da criança. A compreensão de que a construção do saber tem início desde o nascimento não estava presente.

Spada (2015, p. 191) afirma que, a educação infantil somente passou a ser reconhecida como etapa integrante do sistema de ensino por meio da promulgação da Constituição Federal de 1988, primeiro documento a delimitar o direito à educação a ser efetivada em creches e pré-escolas, estabelecendo que às primeiras compete o atendimento de crianças entre 0 e 3 anos de idade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de (1996), faz uma divisão por faixas etárias; sendo a primeira dos 0 aos 3 anos correspondente ao maternal e a segunda etapa da educação para as crianças de 4 a 5 anos de idade é a pré-escola.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento atual que aponta as diretrizes de todos os níveis e modalidades da educação infantil, pois.

Com a Constituição Federal de 1988, o atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a 6 anos de idade torna-se dever do Estado. Posteriormente, com a promulgação da LDB, em 1996, a Educação Infantil passa a ser parte integrante da Educação Básica, situando-se no mesmo patamar que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. E a partir da modificação introduzida na LDB em 2006, que antecipou o acesso ao Ensino Fundamental para os 6 anos de idade, a Educação Infantil passa a atender a faixa etária de 0 a 5 anos. (MEC, 2017, p. 35).

A BNCC enfatiza que:

Entretanto, embora reconhecida como direito de todas as crianças e dever do Estado, a Educação Infantil passa a ser obrigatória para as crianças de 4 e 5 anos apenas com a Emenda Constitucional nº 59/200926, que determina a obrigatoriedade da Educação Básica dos 4 aos 17 anos. Essa extensão da obrigatoriedade é incluída na LDB em 2013, consagrando plenamente a obrigatoriedade de matrícula de todas as crianças de 4 e 5 anos em instituições de Educação Infantil. (MEC, 2017, p. 36).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998):

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas

também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais. (RCN, 1998, p. 20).

As crianças são seres muito singulares, mas o que as caracteriza é seu jeito próprio de ver e sentir as coisas nesse mundo tão individualista em que vivemos. Elas conseguem ver o mundo de uma maneira tão particular que constroem seu conhecimento essencialmente a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) menciona que “Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais”.

A BNCC traz em seu documento o seguinte argumento.

Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. (MEC, 2017, p. 39).

Seria recomendável que o profissional desta modalidade/nível de ensino tivesse uma sintonia com a criança de forma a identificar possíveis dificuldades que ela possa apresentar, dessa maneira, juntos - docente e discente -, conseguirão identificar e superar tais dificuldades. Do ponto de vista pedagógico esse processo de cumplicidade ajudará a criança a conquistar confiança e alcançar um novo patamar em seu desenvolvimento.

A intervenção pedagógica ³ é de suma importância no processo de desenvolvimento da criança da educação básica, em especial na educação infantil, para o aprendizado desses sujeitos em etapa significativa de sua formação. Primeiramente espera-se que o pedagogo observe os caminhos a serem seguidos buscando oferecer a intervenção pedagógica na exata medida de cada educando, de acordo com sua necessidade singular e com a pertinência daquilo que ele mais necessita; desta forma busca compreender as necessidades específicas de cada sujeito da aprendizagem sob a sua orientação. Podemos afirmar que a intervenção é

³ A intervenção pedagógica é uma interferência que um profissional, tanto o educador quanto o psicopedagogo, faz sobre o processo de desenvolvimento ou aprendizagem do sujeito, o qual no momento apresenta problemas de aprendizagem. Entende-se que na intervenção o procedimento adotado interfere no processo, com o objetivo de compreendê-lo, explicitá-lo ou corrigi-lo. É preciso introduzir novos elementos para que o sujeito, pense, elabore de uma forma diferenciada, quebrando padrões anteriores de relacionamento com o mundo das pessoas das ideias. (PORTAL DA EDUCAÇÃO, 2018)

um recurso pedagógico privilegiado com o objetivo de mediar o processo de ensino e aprendizagem que tem lugar privilegiado em nossas escolas.

Segundo Zabala,

Um dos objetivos de qualquer bom profissional consiste em ser cada vez mais competente em seu ofício. Geralmente, consegue-se essa melhoria profissional mediante o conhecimento e a experiência — o conhecimento das variáveis que intervêm na prática e a experiência para dominá-las. (ZABALA, 1998, p. 13).

O conhecimento não chega sem procura, é e indispensável que os docentes possam compreender que o fazer pedagógico só tem efeito quando transformamos nossa prática educativa, procurando atender às necessidades reais e urgentes dos nossos educandos. Para Zabala (1998, p.13) “a melhoria de nossa atividade profissional, como todas as demais, passa pela análise do que fazemos de nossa prática e do contraste com outras práticas”.

Espera-se que o professor, em sala de aula esteja habilitado a interpretar, observar e ter um olhar atento sobre as expressões impressas nos desenhos realizados por seus alunos. Considerando o desenho muito mais que um mero passatempo - situação em que criar é descompromissado com a sua linguagem própria - é relevante considerar sua expressão uma forma da criança se comunicar.

Só garantiremos à criança o seu direito de expressão, de traçar o seu desenho com autenticidade, se investirmos na formação dos educadores, em especial dos educadores da primeira infância substituindo o espontaneísmo pelo profissionalismo. Tais transformações, tão necessárias à educação, só ocorrerão, se e somente se, quando o profissionalismo, a ética e, acima de tudo, o compromisso com o êxito de todos os alunos for compromisso comum dos professores desde a sua formação inicial. Esse é um dos maiores desafios para todos aqueles que estão envolvidos com a educação: comprometer-se a fazer a mediação da aprendizagem significativa a todos os nossos alunos.

Por intermédio dos desenhos as crianças percebem formas de manifestar as suas ideias, os seus sentimentos, as suas impressões: tais expressões podem ser utilizadas como valiosos instrumentos no cotidiano do professor; ao interpretá-los o professor poderá obter importantes indícios; resultados importantes que poderão promover o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno. Considerando que muitos profissionais da educação ainda utilizem o desenho apenas como uma forma de

passar o tempo e entreter as crianças, ressaltamos a importância do desenho com intenção pedagógica em especial como instrumento diagnóstico na identificação das possíveis dificuldades de seus alunos.

Segundo Albano,

O que se pode perceber é que no ato de desenhar pensamentos e sentimentos estão juntos. Pois também é possível constatar que as crianças, com algum comprometimento intelectual, apresentam acentuado comprometimento no desenho (ALBANO, 2012, p. 23).

O desenho infantil, para além de uma possível intervenção intencional, tem uma função pedagógica própria. Poderá este ser utilizado para a construção de conhecimento uma vez que o mesmo oferece várias possibilidades a serem trabalhadas na linguagem própria e que mobilizam mãos, olhos, percepção e instrumentos, instigando todo o potencial latente de uma criança.

Salientamos uma vez mais a importância da intervenção pedagógica no processo de desenvolvimento das crianças da Educação Básica desde a Educação Infantil. É preciso compreender que só por meio da mediação⁴, das intervenções pedagógicas intencionais e dos estudos sistematizados, em especial junto aos projetos desenvolvidos nas escolas, poderemos dar melhor assistência às crianças com dificuldades.

Kramer menciona que,

Educação infantil e ensino fundamental são indissociáveis: ambos envolvem conhecimentos e afetos; saberes e valores; cuidados e atenção; seriedade e riso. O cuidado, a atenção, o acolhimento estão presentes na educação infantil; a alegria e a brincadeira também. E, com as práticas realizadas, as crianças aprendem. Elas gostam de aprender. Na educação infantil e no ensino fundamental, o objetivo é atuar com liberdade para assegurar a apropriação e a construção do conhecimento por todos. (KRAMER, 2000, p. 20).

Compete assim, antecipar que, com a realização das atividades da pesquisa de campo em uma turma de pré-escola, pude perceber que o mais importante, enquanto acadêmica e iniciante do processo de docência, foi ter autonomia para trabalhar com materiais diversos e distintas metodologias com o objetivo de atender

⁴ O termo mediação em nosso trabalho é empregado no sentido originalmente atribuído por Lev Vygotsky (2007), indicando uma intervenção intencional do mais experiente no processo de aprendizagem significativa do menos experiente; no recorte da presente monografia especificamente aplicado à relação professor/aluno.

as demandas da minha pesquisa. A atividade realizada contou com a participação ativa das crianças tornando-as protagonistas de seu próprio aprendizado.

Albano afirma que,

Desenhando com cores, com a música ou com a palavra, a criança dentro do adulto se reencontra com seu espaço lúdico. Adulto e criança podem, então, expressar seus desejos e conflitos, e assim, reconquistarem no seu traço a sua palavra. Transformar o mundo através do seu trabalho, dizer o mundo, expressá-lo e expressar-se é próprio dos seres humano. A educação, qualquer que seja o nível em que se dê se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade. (ALBANO, 2012, p. 33).

Nesse sentido, Ostetto e Leite (2004, p. 23) afirmam que,

“Sensibilizar o movimento, o olhar e a escuta do professor contribuirá, sobretudo, para torná-lo um sujeito mais aberto e plural, mais atento ao outro; ampliará seu repertório e, conseqüentemente, seu acervo para criação – uma vez que só se cria a partir da combinação de elementos diversos que se tenha -, tornando sua prática mais significativa, autoral e criativa.”

Para que a criança trilhe um caminho próprio, do seu jeito, tornando-se protagonista de sua própria trajetória, o educador assume o papel de facilitador, de mediador das possibilidades traçando um caminho construído para o sucesso acadêmico de todos os seus alunos: as intervenções promovidas pelo docente indicam um percurso possível de tal forma que juntos possam caminhar rumo ao desenvolvimento cognitivo, intelectual, coletivo e afetivo.

Lino (1996) apud Ostetto e Leite (2004) destacam que:

As crianças são encorajadas a explorar o ambiente e a expressar-se usando diversas formas de linguagem e modos de expressão, incluindo palavras, movimentos, desenhos, pinturas, modelagem, colagem, jogo dramático e música. (...) Elas devem ser capazes de representar observações, ideias, memórias, sentimentos e novos conhecimentos, numa variedade de forma que vai desde o jogo ao desenho. (LINO, 1996, p. 101).

Na perspectiva que defendemos as crianças são percebidas como sujeitos ativos em seus processos de criação, autoria, construção de conhecimento. O papel da intervenção do pedagogo é favorecer para que essa criança possa ter condições favoráveis de se colocar no mundo, de manifestar-se e especialmente de expressar-se diante de uma possível dificuldade.

Como fazer a diferença com o trabalho de professor?

Em um trecho do livro “Arte, infância e formação de professores” as autoras enfatizam que,

Quanto mais amplas e plurais as produções culturais, mais portas de compreensão estaremos abrindo, afinal, é o outro que dá significação ao visto, ouvido ou sentido. É preciso estar atento às coisas e, ao mesmo tempo, deleitar-se em distensão. Por isso, é tão importante olhar o mundo com olhar mais aguçado, mas em contínua tensão com o (des) observar, (des) atentar, num diálogo permanente e ininterrupto entre cognição e afetividade (OSTETTO; LEITE, 2004, p. 36).

Diante da complexidade do trabalho do pedagogo, podemos afirmar que a missão mais sublime desta profissão é poder proporcionar às crianças um aprendizado significativo que as subsidiará para uma vida toda, e ajudar tais crianças a alcançar a plenitude de seu aprendizado, a cada etapa, a cada nova fase. O profissional da educação, o pedagogo tem instrumentos da cultura e do conhecimento para atuar junto à Educação Infantil visando alcançar essa condição.

4 O DESENHO INFANTIL E SEUS ESTÁGIOS SEGUNDO AUTORES CONTEMPORÂNEOS

Sabemos é que o desenho é a primeira manifestação gráfica das crianças, cabe a nós entendermos o que é o desenho. Existem inúmeras concepções do que possa ser o desenho, são várias definições e reflexões relativas ao ato de desenhar.

Derdyk aponta que,

O ato de desenhar exige poder de decisão. O desenho é possessão, é revelação. Ao desenhar nos apropriamos do objeto desenhado, revelando-o. O desenho responde a toda forma de estagnação criativa, deixando que a linha flua entre os sins e não da sociedade. (DERYK, 1989, p. 46).

O desenho é uma linguagem expressiva tão antiga e significativa, e se mantém presente ao longo da história. Podemos destacar que o desenho é uma criação de nosso interior, manifestação de nossas potencialidades subjetivas, tornando-se assim um exercício da nossa inteligência.

Segundo Derdyk,

Para penetrarmos neste território estranho e desconhecido, precisamos primeiramente arranjar um passaporte. Este passaporte seria a nossa própria vivência da linguagem: o ato de desenhar. Não dá para falarmos de processo sem nunca termos passado por ele. A possibilidade de nos relacionarmos sensível e integralmente com o universo gráfico infantil vai se concretizar na medida em que o adulto reconhece em si a capacidade de exercer o ato criativo. (DERYK, 1989, p. 49).

O grafismo infantil tem sido objeto de estudos de vários autores. Com base nessas informações, foram organizadas quatro tabelas destacando autores relevantes da temática considerados referência para as discussões sobre a temática à qual nos propusemos. Apresentaremos as três fases do desenho infantil segundo Berson (2006), as quatro fases de Lowenfeld (1976) bem como a mesma quantidade de fases defendidas por Luquet (1969) e completaremos com as cinco fases apresentadas por Piaget (1976) para a compreensão do grafismo infantil.

A contribuição dos estudos realizados pelos autores avalia que a criança vai aperfeiçoando sua capacidade de criação, e assim entrando em contato com seu mundo imaginário de modo que possam representar sua realidade. De acordo com esses estudos onde cada autor define as fases do desenho de formas diferentes, vamos ver como ocorre essas etapas de acordo com cada um deles.

4.1 Marthe Berson

A primeira autora Marthe Berson (1966) traz suas colaborações sobre o estágio do desenvolvimento no livro de Méredieu (2006) "O desenho infantil", que apresenta três estágios do rabisco, são eles:

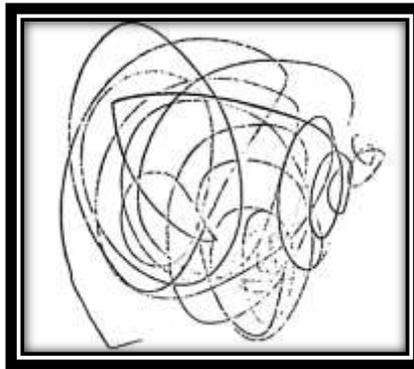
Quadro 1 - As fases do desenho segundo Berson

| BERSON Apud MEREDIEU, 2006 | |
|---|-------------------------|
| Fases do Desenho | Idade da criança |
| Estágio Vegetativo Motor | Dezoito meses |
| Estágio Representativo | Dois a três anos |
| Estágio Comunicativo | Três a quatro anos |

Fonte: (Oliveira, 2019)

1- *Estágio Vegetativo Motor* (dezoito meses aprox.): Ocorre quando a criança desenha de forma circular - arredondado, convexo ou alongado - sem tirar o lápis do papel; formas que provém do centro correspondem a uma ingênua excitação motora, singular a criança que rabisca pelo simples prazer de rabiscar, explica o autor.

Figura 01 - Traçado circular



Fonte: (MÉREDIEU, 2006)

2 - *Estágio Representativo* (entre dois e três anos de idade): para o autor, esse estágio é o reverso do estágio anterior. Aqui a criança já consegue levantar o lápis, e há manifestações de formas isoladas, ou seja, o indivíduo passa do traço contínuo para o traço descontínuo. O ritmo fica mais lento, e há tentativa de reproduzir objetos e comentários verbais do desenho.

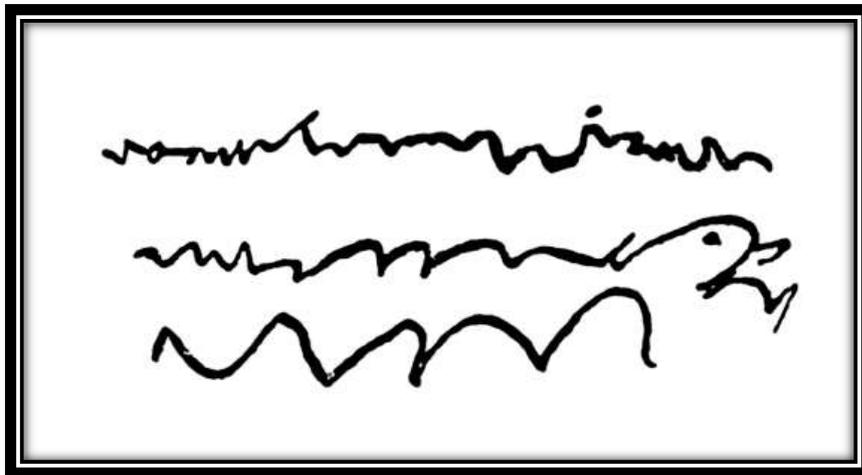
Figura 02 - Aparecimento de formas isoladas



Fonte: (MÉREDIEU, 2006)

3 - *Estágio Comunicativo* (começa entre os três e quatro anos): Nesse estágio a criança imita a escrita do adulto e tenta comunicar-se com outras pessoas através de uma escrita fictícia tentando reproduzir as letras que os adultos fazem. Essas escritas acabam se parecendo com os dentes de uma serra.

Figura 03 – Imitação da escrita adulta



Fonte: (MÉREDIEU, 2006)

4.2 George-Henri Luquet

Apresentaremos as quatro fases do desenho com base em George-Henri Luquet. A princípio Luquet (1969) inicia seus trabalhos com sua filha Simone, e partindo dessa observação estabelece os estágios e procedimentos adotados em cada fase.

Em função disto Luquet (1969),

Considera o desenho um jogo ao qual a criança se entrega, jogo tranquilo com função lúdica, que pode exercer sozinha, manter ou abandonar. Para ele, assim como Piaget, o desenho tem “finalidade sem fim”, é autotélico, não tem funcionalidade prática (IAVELBERG, 2013, apud BOMBONATO E FARAGO, 2016, p. 171).

Mesmo que as crianças não desenhem representando o objeto de forma correspondente, as mesmas não sentem a necessidade de corrigi-lo, uma vez que acreditam no que ilustram e ficam decididas a este respeito. A partir destas informações destacaremos as fases do realismo citado por Méredieu (2006).

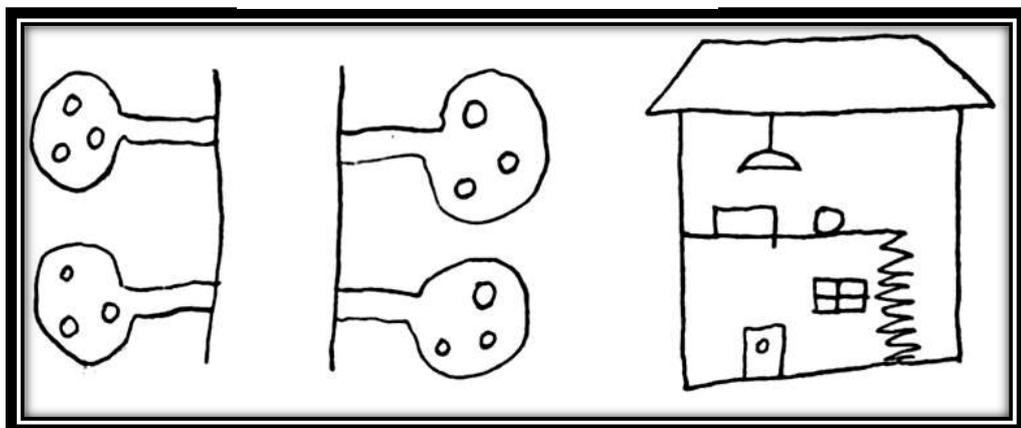
Quadro 2 - As fases do desenho infantil segundo Luquet

| LUQUET ⁵ (1969) | |
|-------------------------------|--------------------------|
| Fases do Desenho | Idade da Criança |
| Realismo Fortuito | Dois anos |
| Realismo Fracassado | Três a quatro anos |
| Realismo Intelectual | Quatro aos dez/doze anos |
| Realismo Visual | Doze anos em diante |

Fonte: (Oliveira, 2019)

1 – *Realismo Fortuito*: Este estágio começa por volta dos dois anos e põe fim ao período chamado de rabisco. A criança que começou por traçar signos sem desejo de representação descobre por acaso uma analogia formal entre um objeto e seu traçado. Então, retrospectivamente, ele dá um nome ao seu desenho. (Méredieu, 2006, p. 20)

Figura 04 - Realismo Fortuito

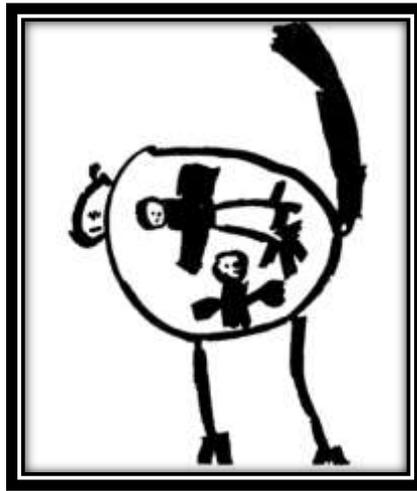


Fonte: (MÉREDIEU, 2006)

⁵ Georges-Henri Luquet (1876-1965) foi um filósofo francês, etnógrafo e pioneiro do estudo do desenho infantil.

2 – *Realismo Fracassado*: Tendo descoberto a identidade forma – objeto, a criança procura reproduzir esta forma. Sobrevém então uma fase de aprendizagem pontuada de fracassos e de sucessos parciais. (Méredieu, 2006, p. 21). Esse estágio começa por volta dos três aos quatro anos de idade.

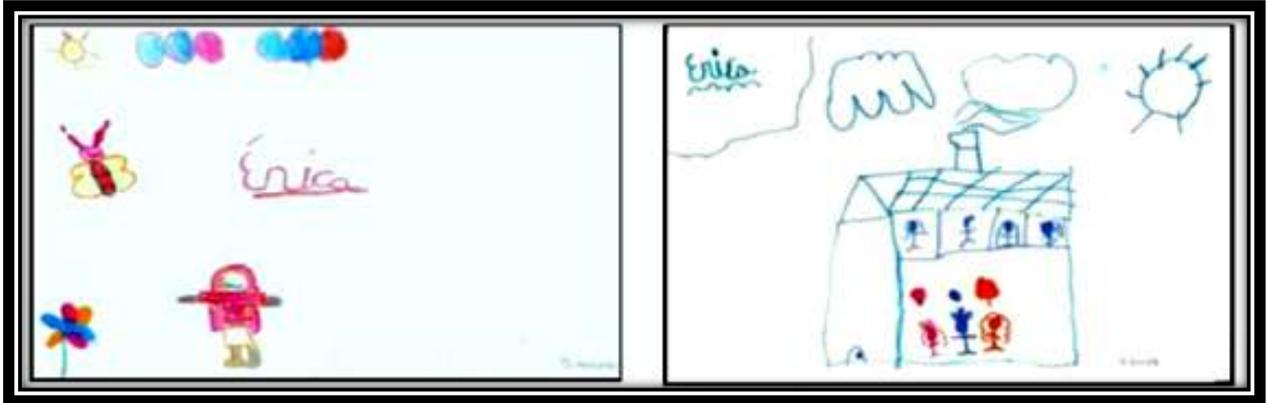
Figura 05 - Realismo Fracassado



Fonte: (MÉREDIEU, 2006)

3 – *Realismo Intelectual*: Aos quatro anos tem início o principal estágio que irá estender-se até por volta dos dez anos. Este período caracteriza-se pelo fato de que a criança desenha do objeto não aquilo que vê, mas aquilo que sabe a seu respeito. Recorre a dois processos: o plano deitado (os objetos não representados em perspectiva, mas deitados em torno de um ponto ou um eixo central, por exemplo, as árvores de cada lado da estrada) e a transparência ou representação simultânea do objeto e seu conteúdo; a criança mistura diversos pontos de vista. Assim, a casa é representada ao mesmo tempo de fora e de dentro, o bebê é desenhado em transparência no ventre da mãe, etc. (Méredieu, 2006, p. 22)

Figura 06 - Realismo Intelectual



Fonte: (ALEXANDROFF, 2010, p. 7 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016).

4 – Realismo Visual: É geralmente por volta dos dozes anos, e por vezes desde os oitos ou nove anos, em que ocorre o fim do desenho infantil; marcado pela descoberta da perspectiva e a submissão às suas leis; desta experiência decorre um suposto empobrecimento da forma, um enxugamento progressivo do grafismo, que perde seu humor e tende a juntar-se às produções adultas. (MÉREDIEU, 2006)

Méredieu (2006) aponta que as fases segundo Luquet (1969) seriam uma investigação insuficiente que deixariam a desejar em suas explicações:

Embora tenha sido o primeiro a distinguir as grandes etapas do grafismo infantil, [...] sua análise é insuficientemente explicativa. Não explica o nascimento da representação figurativa e tampouco a passagem de um estágio para outro. Particularmente, não se fica sabendo por que o desenho em certo momento acaba por empobrecer-se e desaparecer. Tais estágios formam planos fixos, instantâneos, para fixar características que assim se tornam mais facilmente reconhecíveis. Mas restaria situar todos esses dados numa *perspectiva genética* que pudesse não apenas descrever, mas explicar. (MÉREDIEU, 2006, p. 22).

De acordo com essa citação Méredieu (2006), não assume plenamente as considerações de Luquet (1969), entendendo que há lacunas nas fases do desenvolvimento das representações imagéticas infantis uma vez que subordina o desenho das crianças necessariamente ao realismo. Ficariam sem explicação o nascimento da representação figurativa bem como a passagem de um estágio para outro.

4.3 Viktor Lowenfeld

As etapas e os estágios do desenho infantil analisados e definidos por Lowenfeld ajudam a compreender, e observar, o desenvolvimento da criança, ainda que não garantam facilidades para percebermos a passagem de uma etapa para

outra. Além disto há uma variação no momento e na forma como as crianças mudam de fase/etapa.

Assim como Luquet, Viktor Lowenfeld e Brittain (1977) apud Ferreira (2015), sugerem diferentes estágios de evolução do desenho infantil. Para estes autores os estágios são uma forma de entender as crianças intelectual e emocionalmente. Os estágios do desenho infantil nesta perspectiva são: garatuja, estágio pré esquemático, esquemático, realismo nascente.

Ferreira (2015) afirma que o estágio das garatujas, proposto por Viktor Lowenfeld e Brittain, dura aproximadamente dois anos, entre os dois e os quatro anos de idade (equivale à fase sensório motora e a parte da fase pré-operacional de Piaget). Nesta etapa a criança constrói seus primeiros rabiscos espontâneos e traços desordenados ainda desprovidos de controle motor. Ignora os limites do papel e mexe todo o corpo para desenhar, avançando os traçados pelas paredes e pelo chão.

Aos poucos essas garatujas vão ficando mais metódicas e controladas pela coordenação motora da criança. A criança ainda não tem a intenção de simbolizar algo, sente encanto na execução dos gestos e dos movimentos. A figura humana é nula ou pode passar a existir de maneira imaginária. A cor tem uma função secundária, passando a existir o interesse pelo contraste, mas não há intenção consciente. As primeiras garatujas são linhas longitudinais que, com o passar do tempo, vão se transformando em formas circulares e, por fim, acabam tornando-se formas independentes.

Victor Lowenfeld (1903-1960) foi professor de Artes e por suas pesquisas veio a elaborar a sua teoria dos estágios do desenvolvimento artístico da criança. Lowenfeld (1976) apud Bombonato e Farago (2016), estabelece quatro fases para desenho infantil. Veremos a seguir o resultado dos seus estudos.

Quadro 3 - As fases do desenho infantil segundo Lowenfeld

| LOWENFELD⁶ (1976) | |
|---|-------------------------|
| Fases do Desenho | Idade da criança |
| Rabiscação Desordenada ou Garatuja; Rabiscação Longitudinal' Rabiscação | Dois anos |

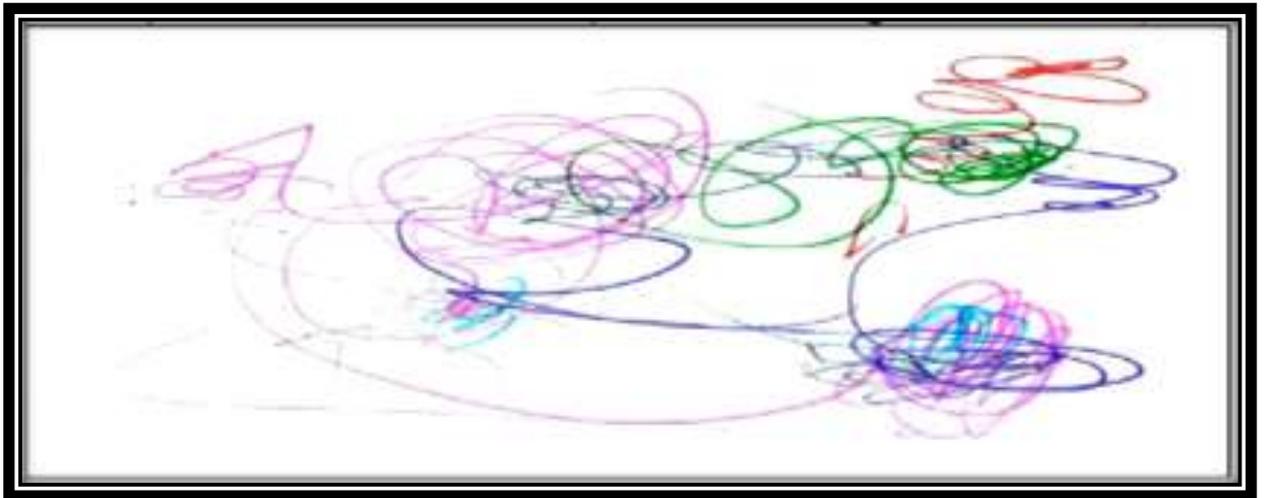
⁶ Victor Lowenfeld (1903-1960) foi professor de Artes e por suas pesquisas veio a elaborar a sua teoria dos estágios do desenvolvimento artístico da criança.

| | |
|---------------------------|----------------------|
| Figuração Pré Esquemática | Quatro aos sete anos |
| Figuração Esquemática | Sete aos nove anos |
| Figuração Realista | Nove aos doze anos |

Fonte: (Oliveira, 2019)

1 – *Rabiscção Desordenada ou Garatuja*: O primeiro estágio corresponde à criança que desenha sem intenção nenhuma de descrever ou representar, apenas pelo prazer de rabiscar. Fase essa que corresponde a um ano e meio.

Figura 07 - Rabiscção Desordenada ou Garatuja



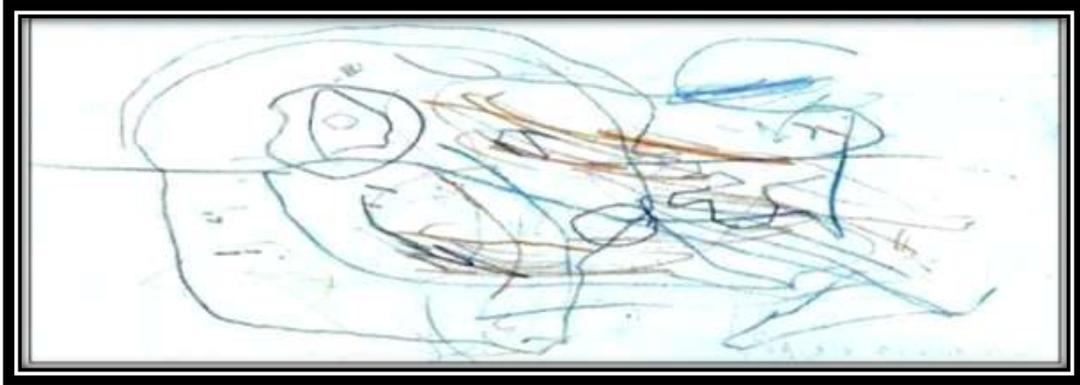
Fonte: (SOUZA, 2010, p. 20 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016)

Nota-se no desenho de uma criança de 2 anos a despreocupação da intencionalidade.

Segundo Souza (2010) apud Bombonato e Farago (2016), nessa fase a criança, está vivendo seus gestos instintivos, ou seja, o desenho é o responsável pelo prazer orgânico “causando expansão às necessidades motoras. Nesta fase, a criança expressa, através de seus traçados, ternura e confiança ou medo e agressividade”.

Após essa fase a criança já tem uma atividade voluntária, ou seja, ela passa a admirar seus delineados e observar suas obras. Ela não abandona os rabiscos. Faz uso de outras formas: bolinhas, cruces, quadrados, entre outros. Devido à criança já conseguir realizar símbolos praticamente isolados essa fase é conhecida como *Rabiscção Longitudinal* ou *Garatuja Ordenada*. A criança brinca com os efeitos. Esse processo ocupa todo o espaço do papel. É a fase da evolução motora

Figura 08 - Rabiscção Longitudinal ou Garatujas ordenadas



Fonte: (SOUZA, 2010, p. 21 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016).

O desenho acima, de uma criança de 3 anos, apresenta uma mistura de linhas e formas em atividade intencional.

Segundo as mesmas autoras, no primeiro estágio há a fase de *Rabiscção*, onde tem início a *fabulação*⁷ demonstrando toda a sua criatividade e capacidade inventiva. A criança nomeia os seus desenhos e traça o que imagina o que viveu, por intermédio de uma linguagem plástica carregada de simbolismo. A figura humana já é perceptível. A criança fecha os seus traços para formar braços, pernas, cabeça, atribuindo-lhes sua função de abraçar, caminhar, pensar. Elas reconhecem que os desenhos representam algo.

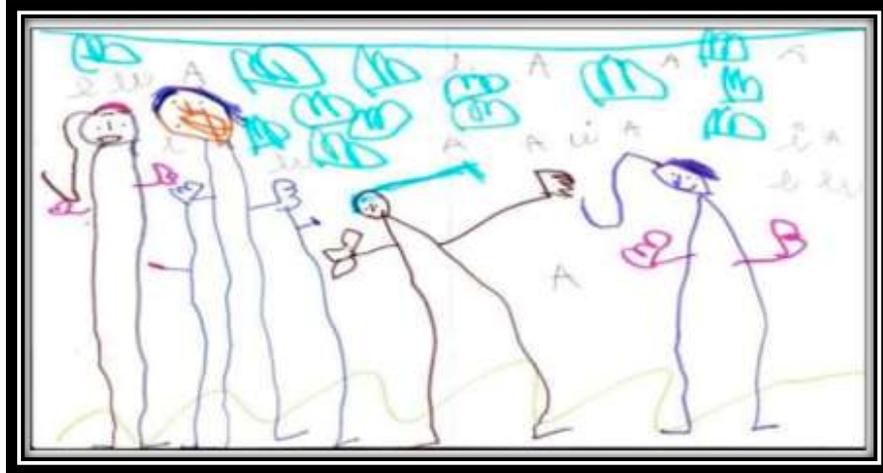
A partir destas inflexões Lowenfeld afirma que,

A maioria das crianças, nesta fase, aborda as garatujas com grande entusiasmo, pois a coordenação entre seu desenvolvimento visual e motor representa uma conquista muito importante. A função dessa nova descoberta estimula a criança a variar seus movimentos. A criança ficará, agora, o dobro do tempo entregue aos seus desenhos e, ocasionalmente, tentará cores diferentes no seu trabalho. (GILSON, 2016, s/p).

Nesta fase a criança descobre que existe uma relação com seus movimentos e os traços feitos no papel. Esse movimento é um passo muito valioso. A criança descobriu o controle visual e motor que ela tem sobre os traços que está fazendo.

⁷ Fabulação segundo o dicionário online <https://www.dicio.com.br/fabulacao/> equivale à ação de fabular, de substituir a verdadeira realidade por uma aventura imaginária que serve para um conto ou novela.

Figura 09 – Rabiscção



Fonte: (SOUZA, 2010, p. 21 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016).

A figura acima é o desenho de uma criança de 5 anos. Observa-se a formação da figura humana ainda sem tronco.

O interessante nessa fase é que a criança já percebe que ela pode se expressar e contar histórias. Usar sua criatividade e colocar no papel. Na garatuja acontecem estas mesmas manifestações uma vez que a criança fala enquanto desenha simbolizando algo. Ainda que a forma não seja simbólica, o conjunto das ações como o movimento do corpo, a fala e a oscilação do lápis acabam sendo uma forma de representação.

2 – Figuração Pré – Esquemática:

Nessa fase a figuração já está presente. A criança faz relações “entre desenhos, pensamentos e realidade” (SOUZA, 2010, p.22 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016). Neste estágio as garatujas ainda não perdem a sua importância; tornam-se mais reconhecíveis e significativas. Tal ocorre em função da criança procurar conhecer e experimentar todos os seus símbolos. Procura fazer várias repetições até chegar a formas distintas.

Lowenfeld (1976) ressalta que os movimentos das garatujas com movimentações circulares e longitudinais da etapa anterior passam a ter formas reconhecíveis nessa fase. A criança busca desenhar o que conhece do objeto que deseja pintar. Não existe proporcionalidade, mas uma intenção figurativa simbólica.

Segundo Lowenfeld (1976), neste estágio as crianças fazem as figuras humanas e os objetos de acordo com seu mundo. Elas representam o que está em seu entorno como uma “intenção figurativa simbólica” (SOUZA, 2010, p. 23 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016). Assim elas utilizam de diversos traçados como as

linhas, círculos, contornos ovais. Formas essas que podemos distinguir como elemento de uma figura como por exemplo, os diferentes membros do corpo.

Figura 10 - Pré – Esquemática



Fonte: (SOUZA, 2010, p. 21 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016).

Temos na figura 10 o desenho de uma criança de 4 anos. Observa-se a conformação do contorno humano, um cenário e a possibilidade de nomeação.

Nesta fase a criança estabelece relação entre seus desenhos e a realidade. Não é capaz ainda de distinguir o tamanho dos objetos. Sendo assim o excesso nas formas dos desenhos representados é notório. A criança faz diversas repetições das suas figuras para ter um melhor desempenho. Segundo Lowenfel (1976) apud Bombonato, Farago (2016) as figuras que as crianças fazem repetidamente favorecem seu desenvolvimento mental.

Bédard (2013) enfatiza que, para interpretar um desenho, é necessário levar em conta o simbolismo e as mensagens ali colocadas e não a perfeição estética.

Ainda de acordo com Bédard:

[...] o desenho representa, em parte, a mente consciente, mas também, e de maneira mais importante, faz referência ao inconsciente. Não devemos esquecer-nos de que o que nos interessa é o simbolismo e as mensagens que o desenho transmite-nos, não a sua perfeição estética. (BÉDARD, 2013, p. 8).

Podemos afirmar que a criança tem a necessidade de se expressar e usar o desenho como meio de comunicação. Para a criança, o desenho em si, tem um caráter muito significativo, prazeroso de expressão e de representação que tem lugar entre o real e o imaginário. Segundo Derdyk (1989) a criança ao projetar no desenho o seu esquema corporal deseja ver a sua própria imagem refletida no espelho do papel.

Nesta fase Pré - Esquemática a criança não consegue fazer desenhos alinhados. Mas a fabulação e a narração estão presentes em seus desenhos, demonstrando a fantasia e a imaginação. A criança passa a fazer uma sequencia lógica para seus desenhos.

3 – *Figuração Esquemática*: A partir deste estágio as crianças passam a fazer relação entre suas referências socioculturais para desenharem casas, pessoas, animais, etc. “descobrimo a existência de uma ordem definida nas relações espaciais” (SOUZA, 2010, p. 24 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016).

Figura 11 - Esquemática



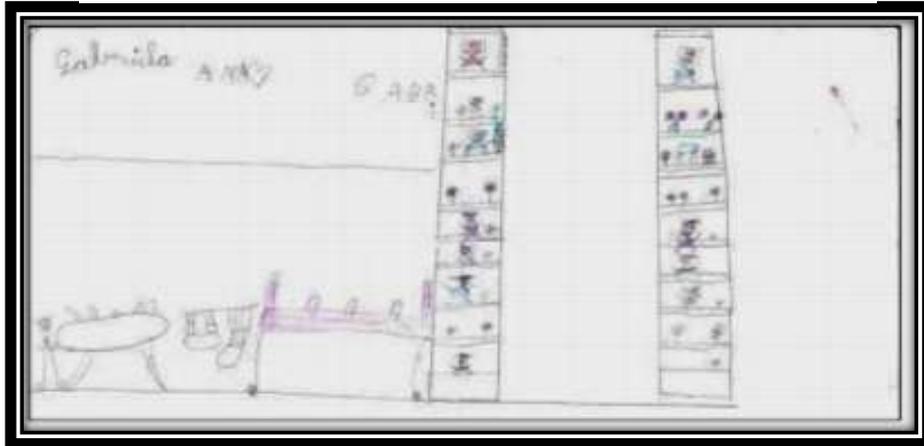
Fonte: (SOUZA, 2010, p. 25 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016).

A figura 11 apresenta o desenho de uma criança de 7 anos, que traça uma linha de base e organiza uma certa ordem.

Lowenfeld (1976) apud Bombonato e Farago (2016) informa que a criança nesta fase desenha sobre uma linha cuja função seria sustentar os demais desenhos; representa o chão sobre o qual podera sustentar tudo o mais que quiser retratar. Expressa suas ideias de mundo sem obrigatoriedade de correspondência com os elementos reais de seu dia-a-dia. Não tem interesse de copiar. A criança busca descrever significados nos mínimos detalhes uma vez que é uma representação simbólica-esquemática.

Ainda nesta fase encontramos as figuras geométricas, traços estes que as crianças tem prazer em desenhar. Tem um caráter marcante neste estágio. A partir destes princípios aparece a superposição com transparência, sendo possível observar os elementos dentro das casas, prédios, carros etc.

Figura 12 – Superposição com transparência



Fonte: (SOUZA, 2010, p. 25 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016).

A figura acima demonstra o desenho de um prédio, detalhes de como seria por dentro apresentando andares e vizinhos.

Enfatizamos que o processo de desenvolvimento da criança é muito visível, sendo capaz de perceber que ela consegue fazer conexões entre cores e formas de acordo com a sua própria realidade. Anteriormente revelado por intermédio de sua imaginação e fantasia passa a manifestar em suas representações significações afetivas.

4 – *Figuração Realista*: Nesta última fase, a criança se encontra mais detalhista, desenhando tudo o que vê. Além do mais, também percebe-se como ser integrante de uma sociedade, iniciando a exploração de seus pensamentos a respeito do mundo, descobrindo a importância do trabalho coletivo, que é mais produtivo em grupo do que individualmente, pois para Lowenfeld (1976), esta fase também é caracterizada como idade da “turma”, pois percebem que tarefas podem ser realizadas em conjunto. (BOMBONATO, FARAGO, 2016, p. 189).

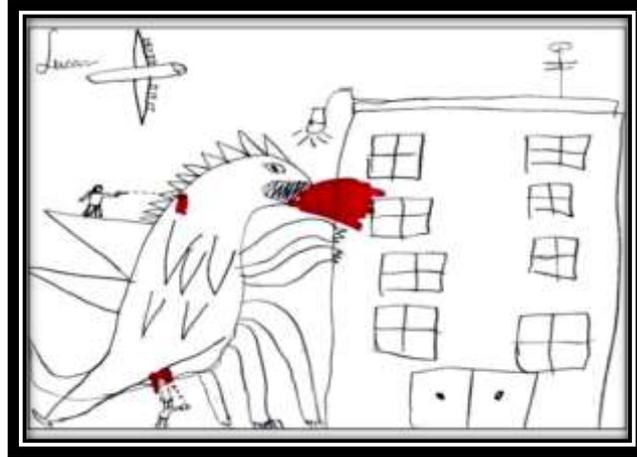
Figura 13 – Figuração Realista



Fonte: (SOUZA, 2010, p. 25 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016).

A figura 13 é o desenho de uma criança de 10 anos que representou um período da pré-história a respeito do qual havia lido em uma reportagem de jornal.

Figura 14 - Figuração Realista



Fonte: (SOUZA, 2010, p. 25 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016).

A figura 14 apresenta o desenho de outra criança de 10 anos que desenhou a parte preferida de seu jogo de vídeo game.

O fato é que a partir desse momento, e cada vez mais (até o fim da adolescência, na verdade, se é que ela ainda está desenhando e pintando) a criança copia. Mas ela tem também consciência da imperfeição das suas copias, as quais não consegue, aliás, equilibrar o seu sentimento de impotência. Ela desanima, e passa a fazer decalques. Decepciona-se mais e mais; sente vergonha, e abandona e abandona: é o famoso “eu não sei desenhar”. (PORCHER, 1982, p. 128 apud SOUZA, 2010, p. 29).

Este é o período em que a criança percebe que faz parte de uma coletividade. Descobre o prazer que tarefas em grupo podem proporcionar. Compreende que podem produzir mais coletivamente que individualmente. A fase do realismo diferencia-se da fase esquemática uma vez que a criança passa a diferenciar a proporção real dos objetos o que lhe permite distinguir tamanho, posição e dimensão relativa. Chega à conclusão de que aquilo que está à frente é proporcionalmente maior. Esconde objetos que estejam em segundo plano. Desenha sucessivas posições no espaço. Experimenta o uso das sombras e das nuances para dar acabamento. Estabelece noção de perspectiva, de claro e escuro. A figura humana passa a ser representada e diferenciada pelo sexo.

Neste período é importante que o professor incentive permanentemente as manifestações da linguagem pictórica de seus alunos de forma que a criança possa ir exercitando sua criatividade e não a mera reprodução. A confiança que se

estabelece entre professor/aluno é essencial para que o sujeito supere os desenhos estereotipados promovendo a criatividade e a capacidade de inventar e reinventar contínua e permanentemente.

4.4 Jean Piaget

Segundo Piaget (1976) a criança passa por cinco fases que correspondem aos seus estágios de desenvolvimento explicitados pela Epistemologia Genética.

O primeiro dos cinco estágios é a *Garatuja*, dividido em duas fases: *Garatuja Desordenada* e *Garatuja Ordenada*. Segundo o autor este período está relacionado aos estágios sensório-motor (0 a 2 anos) e ao estágio pré-operatório (2 a 7 anos) respectivamente.

Podemos resaltar que,

Nesta fase, Piaget (1976), é bem semelhante à teoria de Luquet (1969), pois os dois autores nos apresentam que a criança em seu primeiro período de vida, desenha por extremo prazer e para o primeiro autor a figura humana ainda não tem valor, ou seja, ela é inexistente, as cores também ficam em um papel secundário não tendo interesse pelo mesmo, apenas pelo contraste. (BOMBONATO, FARAGO, 2016, p. 190).

Quadro 4 - As fases do desenho infantil segundo Piaget

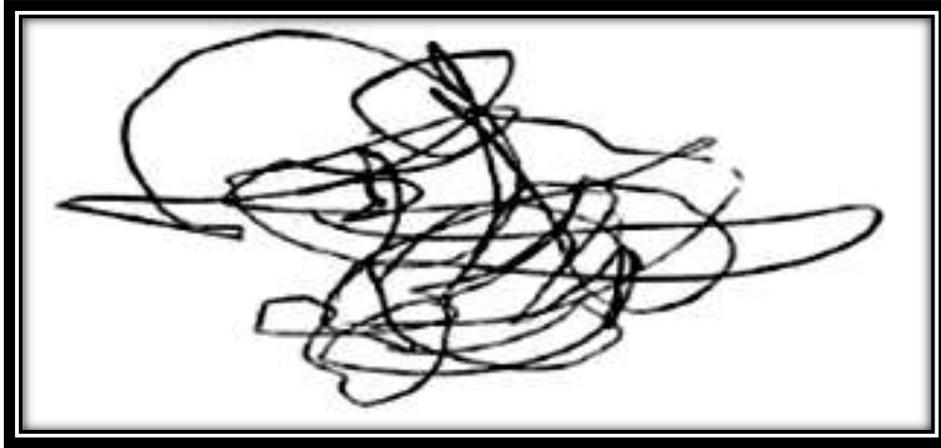
| PIAGET ⁸ (1976) | |
|--|--------------------|
| Fases do Desenho | Idade da criança |
| Garatuja Desordenada; Garatuja ordenada | Zero a dois anos |
| Pré – Esquematismo | Dois a sete anos |
| Esquematismo | Sete a dez anos |
| Realismo | Dez anos em diante |
| Pseudo Naturalismo | Dez anos em diante |

Fonte: (Oliveira, 2019)

1- *Garatuja Desordenada*: Esta fase é caracterizada por movimentos amplos e desordenados. Nesta fase não existe preocupação alguma com o desenho, pois a criança repete várias vezes em um mesmo ponto; não há preocupação com o que já foi desenhado anteriormente.

⁸ Jean William Fritz Piaget (1896-1980) foi um biólogo, psicólogo e epistemólogo suíço, considerado um dos mais importantes pensadores do século XX. Defendeu uma abordagem interdisciplinar para a investigação epistemológica e fundou a Epistemologia Genética, teoria do conhecimento com base no estudo da gênese psicológica do pensamento humano.

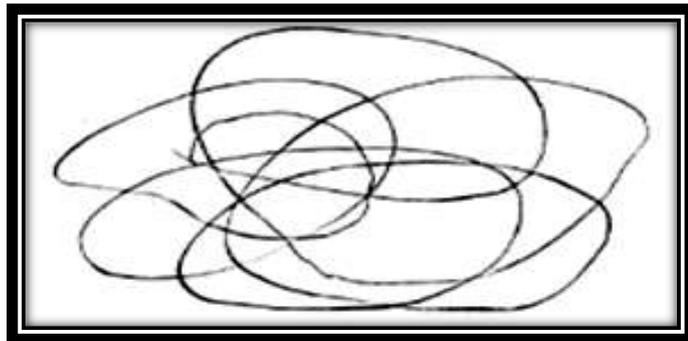
Figura 15 – Garatuja Desordenada



Fonte: (LOPES, 2001, p. 41 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016).

Garatuja Ordenada: Este período é definido por movimentos mais longitudinais e arredondados, os desenhos não ultrapassam os limites do papel, mesmo que a criança utilize todo o espaço disponível no papel. A criança não tem a preocupação com tamanhos ou a ordem que cada desenho se posiciona e sim pelas formas que o desenho está ilustrando.

Figura 16 - Garatuja Ordenada



Fonte: (LOPES, 2001, p. 41 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016).

Segundo Derdyk (1989), a garatuja não é simplesmente uma atividade sensório-motora, descomprometida e ininteligível. Por entre esta aparente “inutilidade” contida no ato de rabiscar, estão latentes segredos existenciais, confidências emotivas, necessidades de comunicação.

Nesta fase a criança não faz desenhos concretos, são figuras imaginárias; não há uma relação fixa entre um objeto que a criança pensa conhecer e a sua representação. Diante disso a representação que a criança faz pode se transformar

em qualquer coisa, desconstruindo sua ideia inicial, como por exemplo, o risco que pode ser uma casa que antes de terminar esse mesmo risco se transforma em uma bicicleta.

2- Pré-Esquematismo (pré-operatória): Esta é a segunda fase destacada por Piaget (1976) apud Bombonato e Farago (2016), que por sua vez faz relação entre o desenho, pensamento e realidade. Esta descoberta para a criança parte de suas emoções, onde seus traçados ou cores não têm relação com características reais, apenas utilizam da sua imaginação para desenharem e estes elementos finais são dispersos e não se relacionam entre si.

Esse mesmo estágio é defendido por Berson no livro de Méredieu (2006), Piaget nomeia esse estágio como Pré- Operatório e Berson já o define como Estágio comunicativo onde ocorre a tentativa de imitação do adulto, sendo assim a criança elabora um tipo de escrita fictícia procurando reproduzir as letras dos adultos.

Figura 17 - Pré-Esquematismo



Fonte: (LOPES, 2001, p. 42 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016).

Esta criança desenhou um homem; observa-se que os elementos se apresentam dispersos e não estão relacionados entre si.

Nesta fase do estágio tem início a procura pela forma humana. A partir deste conceito surge o homem girino que apresenta em si mesmo vários tentáculos ligados a seu corpo. Berson apud Méredieu (2006) defende que nesse estágio - nomeado de estágio comunicativo - tendo início começa entre os três e os quatro

anos. A criança além de elaborar uma escrita fictícia tenta reproduzir as letras dos adultos convencionadas pelo sistema alfabético de escrita.

Berson afirma que,

A criança sente prazer em executar esse tipo de traçado, toda contente em poder levantar e abaixar o lápis em cadência. Depois, ela se torna capaz de grafismos mais ricos e mais complexos, como a figura da irradiação onde encontramos uma prefiguração do boneco girino. (BERSON apud MÉREDIEU, 2006, p. 29).

3 - *Esquematismo*: A partir de uma análise piagetiana, Cerqueira e Cortes (2008) enfatizam que esta fase faz parte do estágio das operações concretas (7 a 10 anos) cuja duração permanece até aproximadamente os nove anos. Nos esquemas representativos surgem formas diferenciadas para cada categoria de objeto; ainda nesta mesma etapa surgem duas grandes conquistas: o uso da linha de base e a descoberta da relação com o objeto. A criança que desenha nesta fase tem um conceito definido frente à figura humana podendo ocorrer, no entanto, desvios do esquema tais como: exagero, negligência, omissão ou mudança de símbolo. Surgem as representações da transparência e do rebatimento.

Figura 18 – Esquematismo



Fonte: (LOPES, 2001, p. 43 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016).

Para Lowenfeld (1947) apud Gilson⁹ (2016), por intermédio da análise das variações esquemáticas é possível obter uma percepção mais aprofundada da

⁹ Tive acesso ao resumo do livro “Desenvolvimento da Capacidade Criadora” do autor VIKTOR LOWENFELD no site “SCRIBID”, onde Antônio Gilson publica um resumo sobre o livro em 09 de

experiência da criança. Três formas principais de desvio podem ser assinaladas nos desenhos infantis: uma primeira é a *exageração*¹⁰ de partes importantes; a segunda corresponde à negligência ou omissão de partes menos importantes; e a terceira está relacionada à mudança dos símbolos para representar partes significativas.

Em outro trecho do texto o autor faz a seguinte afirmação,

O exagero e a negligência referem-se apenas ao tamanho, ao passo que a mudança dos símbolos diz respeito à sua forma. Evidentemente, todas essas características fazem alusão ao modo como o adulto as vêem. (LOWENFELD apud GILSON, 2016, s/p).

A fase do esquematismo corresponde ao estágio do desenvolvimento da teoria piagetiana das operações concretas. De modo geral as operações concretas são aquelas que estão para além da intuição e das manifestações estritamente subjetivas; relacionadas ao ponto de vista da criança a partir de sua própria experiência nesta fase as ações se relacionam a outros sistemas constituindo sistemas reversíveis¹¹ gerais.

4- *Realismo*: Piaget (1996) apud Bombonato e Farago, (2016), destaca esta fase como equivalente ao final do estágio das operações concretas. Neste período surgem a consciência do sexo¹² e a autocrítica pronunciada. As crianças fazem uma diferenciação sustentando o primeiro conceito ao acentuar, por exemplo, as roupas de seus personagens no intuito de distinguirem os sexos, Conseguem diferenciar as características específicas de meninos e meninas.

Citado por Gilson, Lowenfeld ressalta que,

O conceito da figura humana, tal como foi expresso durante o período esquemático anterior, era uma expressão generalizada de homem, agora, a criança encontra-se ávida por transmitir características do sexo, por mostrar os meninos com calças e as meninas com vestidos, a generalização esquemática já não pode servir. (LOWENFELD apud GILSON, 2016, s/p).

Para Derdyk (1989), o ato de desenhar exige um poder de decisão capacidade esta que a criança vai adquirindo no decorrer deste processo. O

setembro de 2016. Utilizei o mesmo por não conseguir ter acesso ao livro em questão. O link acessado para a pesquisa foi:

<https://pt.scribd.com/document/323478131/Desenvolvimento-da-capacidade-criadora-docx>

¹⁰ Uma terminologia própria à Gestalt campo de conhecimento específico da Psicologia

¹¹ Um sistema reversível pode ser definido como a correspondência entre uma ação com sua ação oposta.

¹² Em função das características específicas desta fase de diferenciação infantil esta seria uma etapa e que se recomendaria as primeiras aproximações às questões de gênero.

desenho responde a toda forma de estagnação criativa, deixando que a linha flua entre os sins e os não presentes na coletividade.

Figura 19 – Realismo



(LOPES, 2001, p. 44 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016).

Nesta imagem, figura 19, percebe-se com clareza a descoberta do plano de superposição. A superposição define a capacidade da criança em colocar o objeto relativamente acima de sua própria visão relativa. Nesta fase a criança descobre e adere às formas geométricas. Surge maior rigor e formalismo. Abandona a linha de base utilizada na fase anterior, a fase do esquematismo. A concepção das características próprias ao sexo biológico está evidenciada. Conseguem definir características específicas das meninas e dos meninos tais como sua fisionomia e suas vestes.

Na figura 20 observa-se que a criança retrata a cena de uma cidade, na qual nota-se a superposição apresentando carros que tomam conta da folha de papel, além da criança não sentir mais a necessidade da linha de base sustentando os seus desenhos.

Figura 20 – Realismo



(LOPES, 2001, p. 44 apud BOMBONATO, FARAGO, 2016)

5- *Pseudo Naturalismo*: última fase do desenho infantil segundo Piaget (1976), apud Bombonato e Farago (2016). É a fase que põe fim à arte como atividade espontânea. Inicia-se a investigação da própria personalidade. Apresenta como características o realismo, a objetividade, a profundidade e o espaço subjetivo. Surge ainda o uso consciente da cor em seus traçados e desenhos.

Figura 21 – Pseudo Naturalismo



(LOPES, 2001, p. 45 apud BOMBONATO, FARAGO,

Na figura acima podemos observar uma criança pensando, sentada à cadeira. Nesta fase encontramos uma riqueza de detalhes a partir da qual a criança consegue expressar-se nitidamente.

Bombonato e Farago (2016, p.193) descrevem a figura acima:

O desenho nos mostra que o menino está sentado em uma cadeira com suas pernas cruzadas e ao fundo nota-se a continuidade do chão e as janelas com uma dimensão enriquecida. Vemos que os tons do preto se diversificam apresentando os efeitos de claridade, combinações de tons claros e escuros sem os efeitos da luz e sombra.

A fase do realismo ocorre durante o estágio das operações abstratas a partir dos dez anos. Diferentemente do período anterior, nesta fase, a figura humana pode aparecer com particularidades sexuais exageradas. Há a presença pronunciada de articulações e proporções.

Diante de tais estágios, pode-se concluir que cada criança desenvolve-se em seu ritmo próprio. Enquanto umas poderão acelerar o processo, outras tantas poderão caminhar a passos mais lentos. Relevante se faz não acelerar o processo. A criança neste período desenvolve a sensibilidade, a emoção e a imaginação.

A partir da contribuição dos estudos realizados pelos autores com crianças evidencia-se que estas vão aperfeiçoando suas capacidades de criação; adentram a um mundo imaginário e representam sua realidade. Importante salientar que tais estudos estão voltados para os aspectos pedagógicos que poderão subsidiar as crianças em suas atividades; não se questiona o desenvolvimento psicológico antes propõe uma análise da relação do desenho com a aprendizagem na Educação Infantil.

Segundo Derdyk (1989, p. 48) existem várias classificações referentes às fases e estágios do desenvolvimento gráfico infantil levando-se em consideração parâmetros sociais, culturais, psicológicos e pedagógicos. Existem enfim, muitas maneiras e métodos para a compreensão das manifestações gráficas da criança.

Os professores em exercício, geralmente, aplicam ou adotam uma ou outra classificação ao se defrontarem com o desenho infantil. Esta manifestação pictórica infantil muitas vezes intimida o adulto que, diante daqueles indecifráveis riscos e rabiscos, acaba por minimizar o universo que o desenho infantil expressa.

A autora enfatiza que,

A criança desenha, entre outras tantas coisas, para divertir-se. Um jogo que não exige companheiros, onde a criança é dona de suas próprias regras. Nesse jogo solitário, ela vai aprender a estar só, "apreender a só ser". O desenho é o palco de suas encenações, a construção de seu universo particular. (DERDYK, 1989, p. 50)

O desenho para a criança é uma necessidade fundamental em sua maneira peculiar de se comunicar e interagir com o meio em que vive. Algumas crianças não gostam ou não desejam desenhar preferindo outras atividades mais dinâmicas.

A referida autora ressalta que,

[...] A estrutura mental e a sensibilidade de cada criança, individualmente, se adapta a esta ou aquela atividade, que atende a sua urgência expressiva. Mas o ato criativo estará sempre presente, envolvendo um grande potencial operacional e imaginário. (DERDYK, 1989, p. 51).

Dentre as atividades mais representativas para as crianças podemos citar: pintar, cantar, contar histórias, dançar, construir e representar. O desenho acaba se tornando um dos possíveis meios de explorar novos espaços.

Ainda segundo Derdik (1989, p. 51), o desenho manifesta o desejo da representação. O desenho, antes de mais nada, é medo, é pressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial.

Para a criança o desenho é um meio de se manifestar em si mesmo. Não necessita e nem se recomenda interferências, cobranças de uma determinada forma, cor, etc. Ao se expressar pictoricamente manifesta-se, coloca-se, solta-se torna-se mais flexível ainda que eventualmente de forma caótica. É um processo natural inerente a seu desenvolvimento.

Ainda nas palavras de Derdyk:

O desenho também é manifestação da inteligência. A criança vive a inventar explicações, hipóteses e teorias para compreender a realidade. O mundo para a criança é continuamente reinventado. Ela reconstrói suas hipóteses e desenvolve a sua capacidade intelectual e projetiva, principalmente quando existem possibilidades e condições físicas, emocionais e intelectuais para elaborar estas "teorias" sob forma de atividades expressivas. (DERDYK, 1989, p. 54)

A mesma autora (1989, p. 54), sustenta que,

Enquanto houver crianças desenhando, representando, construindo, inventando, processando o consumo deste mundo ficcional que lhes é apresentado como realidade, esta poderá ser fruída de maneira inteligente, sensível e indagadora. (DERDYK, 1989, p. 54)

A autora identifica no desenho infantil a forma que a criança encontrou para interagir com o mundo transformando suas imagens um instrumento representativo de suas manifestações e virtudes.

5 PESQUISA DE CAMPO: A CRIANÇA E SEUS DESENHOS

A partir das leituras realizadas a respeito do desenho infantil e de sua importância para o desenvolvimento da criança. A presente análise está pautada por uma amostra de nove desenhos de crianças entre quatro e cinco anos obtidos durante pesquisa de campo em dezembro de 2018. A amostra foi colhida em uma escola no município de Miracema do Tocantins onde essa instituição atende somente à educação infantil, a pesquisa ocorreu em uma turma de pré-escola composta por vinte e três alunos do período vespertino. Por ocasião de realização da pesquisa de campo compareceram apenas dez dos vinte e três alunos matriculados.

5.1 Descrição da pesquisa de campo

Definido o local de aplicação da pesquisa providenciamos as devidas autorizações dos responsáveis pelas crianças bem como a autorização da gestão da escola para a continuidade da pesquisa de campo.

Em 07 de novembro de 2018 compareci à escola de posse dos formulários de autorização. Na ocasião fui atendida pela gestora da instituição escolar que me autorizou a fazer a pesquisa; com a devida documentação em mãos, em 19 de Dezembro de 2018 dei início às minhas atividades de pesquisa que teve por objetivo reconhecer a importância do desenho infantil na aprendizagem e formação da criança.

A primeira aproximação constituiu-se por um contato com as crianças conquistando sua confiança. Na oportunidade propusemos algumas atividades, explorando materiais, visando incentivar nosso contato com elas. As crianças demonstraram bastante interesse pelas tarefas propostas. Participaram ativamente e entusiasmadamente.

Para a pesquisa de campo planejamos três atividades distintas: um desenho livre e dois com intervenção pedagógica. Os desenhos mediados foram: (a) desenho com interseção a partir de teatro de dedoche sobre a história da “Menina bonita do laço de fita”, e (b) o desenho mediado pela música “Os cinco patinhos”. Todos os presentes participaram ativamente.

Em se tratando de uma ação genuinamente espontânea o desenho é uma das expressões mais autênticas das crianças e fundamental para o seu pleno desenvolvimento. Por intermédio do desenho ela retrata sua visão de mundo suas vivências e suas representações além de sustentar o seu processo de ensino-aprendizagem. Neste transcurso são estimuladas sua imaginação e sua cognição. Derdyk (1989, p. 64) afirma que, a criança, num determinado momento, percebe que tudo aquilo que está depositado no papel partiu dela. Não lhe foi dado, foi inventado Por ela mesma. Inaugura-se o terreno da criação.

Retornei à escola em 19 de dezembro de 2018 dando início às atividades intencionais de minha pesquisa de campo principiando pela aplicação do desenho livre; total autonomia de criação foi outorgada às crianças. Fato é que suas representações autênticas dão-lhe oportunidade de retratar o real ou o imaginário.

Mais uma vez Derdyk lembra que,

O desenho para a criança, “dona da brincadeira”, é o grande palco de seu universo íntimo. A criança desempenha todas as personagens, inventando regras que ela mesma se encarrega de subverter. A criança mantém uma relação de propriedade com os seus rabiscos. “O que é meu é meu.” Cheia de iniciativas, quando o seu poder de decisão estanca, sua função criadora e vital paralisa. (DERDYK, 1989, p. 63).

Com o desenho livre, a criança tem a oportunidade de experimentar diferentes formas de criar livremente; em tais oportunidades soltam sua imaginação criando, recriando, inventando, desenhando, pintando...

No resumo do livro “Desenvolvimento da Capacidade Criadora”¹³ de Lowenfeld e Brittain, Gilson destaca:

As crianças não precisam ser habilidosas para ser criadoras, mas, em qualquer forma de criação, existem graus de liberdade emocional, liberdade para explorar e experimentar, e liberdade para desenvolver-se emocionalmente, na criação. (GILSON, 2016, s/p).

Em função disso nossas atividades foram desenvolvidas em uma sequência gradativa: (a) organizamos a sala, (b) colocamos um fundo musical visando experimentar com a interação mediada com o ambiente.

De imediato houve da parte das crianças bastante receio em interagir. As crianças pareciam inseguras em fazer um desenho livre. Manifestações como: - "Não sei desenhar!", "Meu desenho vai sair feio!" fizeram-me refletir a respeito da

¹³ <https://pt.scribd.com/documentos/323478131/desenvolvimento-da-capacidade-criadora-docx>

autonomia das crianças. Orientei às crianças: "Vamos fazer assim. Assim vocês desenham o que vier na sua imaginação. Por exemplo, uma lembrança que te deixe feliz ou triste". Sugeri uma brincadeira: "*Vamos fechar os olhinhos, a professora Neurilene vai contar até três e quando os abrirem terão uma folha de papel em branco e vários lápis e giz de cera coloridos na sua mesa. Podem usar a cor que quiserem sem receio de que seus desenhos irão ficar feios porque não existem desenhos feios. Cada criança desenha da sua maneira. Agora vai ser só você e sua imaginação*".

Isto feito as crianças começaram a produzir os seus desenhos livremente, sem qualquer interferência. Todas as representações feitas por elas retratavam, segundo defendem os teóricos que sustentam nossas discussões, o próprio imaginário e suas experiências de mundo.

Albano ressalta que,

Para melhor conhecer a criança, diz Daniel Widlocher em 'A interpretação dos desenhos infantis', podemos sem dúvida consultar os livros ou ouvir conferências que nos tragam seus retratos objetivos. Mas tal modo de proceder é insuficiente e perigoso. Para melhor conhecer a criança é preciso saber "ouvi-la e saber falar-lhe." (ALBANO, 2012, p. 18-19).

A partir disto pode-se afirmar que a criança desenha para expressar suas alegrias, tristezas, seus medos e até mesmo para relatar as suas descobertas.

Uma vez que as crianças tivessem terminado seus desenhos iam relatando para a turma o que haviam representado suas criações. Ainda que tenha obtido a autorização dos pais optamos por não divulgar os nomes das crianças nos desenhos produzidos.

Ao considerar que o desenho infantil evolui conforme o desenvolvimento da criança, logo, à medida que cresce, seu desenho tem mais significado, e conseqüentemente, mais mensagens advindas de seu consciente e de seu inconsciente.

Na sequência apresentaremos os desenhos produzidos pelas crianças, bem como, o registro do diálogo com as crianças a respeito de suas produções.

Figura 22: Desenho Livre



Fonte: Acervo da autora (OLIVEIRA, 2019).

Na figura 01 podemos observar o desenho de uma criança de quatro anos, que será nomeada por Criança A. Institui-se um diálogo com cada criança tentando compreender o que haviam representado.

Segue o registro do diálogo:

PN¹⁴: - O que você desenhou?

CA: - Eu desenhei um lobisomem!

PN: - E por que você desenhou um lobisomem?

CA: - Porque sim tia! Ele mora lá no mato no fundo da minha casa.

PN: - E por que você o pintou com estas cores?

CA: - Eu pintei dessa cor porque sim. E ele fica bonito. Eu conheço ele e ele é dessa cor.

Pude observar durante a atividade que duas crianças haviam representado os mesmos objetos; não pude deixar de notar a semelhança entre as respostas que todas as e crianças davam no decorrer de sua apresentação para a turma.

¹⁴ Passaremos a denominar por PN, a autora da presente monografia. CA: Criança A; CB: Criança B; CC: Criança C e assim sucessivamente.

Figura 23: Desenho Livre



Fonte: Acervo da autora (Oliveira, 2019).

Neste desenho executado pela Criança “B”, de cinco anos de idade, ao questionar sobre o seu desenho, respondeu,

CB: - Um lobisomem!

PN: - "CB" por que você desenhou um lobisomem?

CB: - Eu desenhei porque eu gosto.

PN: - E você o pintou dessas cores por qual motivo?

CB: - Eu pinte de azul e verde porque fica bonito, e eu gosto.

PN: - E você conhece um lobisomem?

CB: - Eu conheço ele mora lá na minha casa. A senhora nunca viu um?

(Obs.: ouvem-se risadas dos alunos).

Podemos notar que os desenhos realizados por estas crianças demonstram claramente que a sua imaginação vai para muito além da realidade imediata. Por intermédio do desenho a criança, sem perceber, nos revela muito sobre a sua vida e sua subjetividade. Segundo Bédard (2013) “o desenho representa, em parte, a mente consciente, mas também, e de uma maneira mais importante, faz referência ao inconsciente (...)”.

Segundo Derdyk,

O desenho lida com os elementos do tempo e do espaço. O ato de desenhar congrega o presente com um passado e um futuro. As imagens nascem da observação, da memória, da imaginação. Poderíamos relacionar observação com o presente, à memória com o passado e a imaginação com o futuro. (DERDYK, 1989, p. 118).

A autora faz ainda outra observação muito relevante, “A visão também é uma janela aberta, permitindo a troca permeável entre a observação, à memória e a imaginação.” (DERDYK, 1989, p. 125) e complementa em outra obra, que o desenho “é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um longo processo vivencial e existencial” (DERDICK, 1993, p. 51).

Figura 24: Desenho Livre



Fonte: Acervo da autora (Oliveira, 2019).

Neste desenho realizado pela "Criança C", também de cinco anos de idade, ao ser questionada sobre o seu desenho, respondeu:

CC: - Eu desenhei uma sombrinha¹⁵, uma cama¹⁶, um dente¹⁷, um lápis e o sol.

PN: - Mas por que você quis fazer estes desenhos?

CC - Porque sim!

PN: - E por qual motivo seu desenho é tão colorido?

CC - Porque eu gosto de pintar, e eu vi os lápis coloridos em cima da mesa, eu peguei e pinte.

PN: - O seu sol é tão bonito! Mais o sol não é amarelo?

CC: - Não! O sol é laranja e não amarelo.

Neste desenho observa-se que a criança já começa a registrar simultaneamente figuras e letras. Pignatari (1974 apud DERDYK 1989, p.118) defende que, o ato de desenhar envolve “um raciocínio que liga aquilo que se acaba

¹⁵ A Criança C leva sua sombrinha todos os dias para a escola

¹⁶ Ganhoun recentemente uma cama nova de presente.

¹⁷ Havia arrancado um dente há poucos dias.

de aprender com o conhecimento já adquirido, de tal modo que, dessa forma, aprendemos o que antes era desconhecido”.

Neste sentido, é importante observar a criação simbólica da criança como expressão de sua imaginação, tornando possível compreender e dar ênfase ao que ela quer dizer por meio do seu desenho.

Ainda uma vez mais Derdyk (1989, p. 57) afirma que,

O desenho é indecifrável pra nós, mas, provavelmente, para a criança, naquele instante, qualquer gesto, qualquer rabisco, além de ser uma conduta sensório-motora, vem carregado de conteúdos e de significações simbólicas. (Derdyk, 1989, p. 57)

Ao desenhar, o pensamento, portanto deixa de ser uma mera representação mental transformando-se em representação gráfica carregada de sentidos. Segundo Vygotsky (2007, p. 141) a linguagem verbal é à base da linguagem gráfica.

O desenho da criança se comunica com outras formas de linguagens expressivas presentes em seu cotidiano, assim como a escrita. Ao longo das diferentes fases do desenho é possível observar a criança avançando graficamente. No decorrer deste processo, em um determinado momento, as letras farão parte da composição gráfica complementando seus desenhos. A criança, portanto, produz diferentes representações gráficas até que alcance o nível da escrita.

Figura 25: Desenho Livre



Fonte: Acervo da autora (Oliveira, 2019).

Na figura 4 temos o registro de um desenho realizado pela "Criança D" também com cinco anos de idade. Identificam-se elementos de seu cotidiano. Ao ser questionada sobre o que havia desenhado a mesma relatou que:

CD: - Eu desenhei um pão de queijo, uma menina, um carinho de nenê e um cavalo no mato.

PN: - E por que você fez esse desenho?

CD: - Eu gosto de pão de queijo todo dia de manhã!

PN: - E o carrinho de nenê?

CD: - Tenho um irmãozinho bebê e o meu pai tem um cavalo no trabalho dele.

Notamos claramente que as crianças "C" e "D" percebem com clareza elementos de seu cotidiano. Estas representações do mundo concreto à sua volta impulsionam sua imaginação colocando em ação a sua criatividade. Assume como referência fatos do seu dia a dia para expressar em seus desenhos.

Derdyk acredita que,

A criança não esquece nada, assimila tudo o que vê e vive. O desejo de conhecer impulsiona a assimilação e a retenção das informações no corpo, confirmando a existência de uma memória corporal. A memória também propicia um ato criativo. Ela não é somente restauração e repetição. A memória resgata lá do fundo da gaveta reminiscências que se tornam novos repertórios para novas associações. Estas configuram outros mapeamentos, projetando ideias, transportando imagens e sensações. A memória é aliada da imaginação. A memória retém dados, fatos, signos gráficos que nasceram de um presente, de uma atenção, de uma observação. São cartas na mão para serem lançadas: existem em potencial. A memória gera um espaço vivencial interpenetrando nas frestas do imaginário. (DERDYK, 1989, p. 127).

A criança, por meio da capacidade simbólica, desenvolve sua habilidade de criar. A sua imaginação desenha objetos significativos, sejam eles reais ou frutos da sua fantasia, e assim manifesta emoções e sentimentos da criança. Deste modo, o desenho, como linguagem, também se constitui uma ferramenta do conhecimento e induz a criança a percorrer novos caminhos e apropriar-se do mundo.

Figura 26: Desenho Livre



Fonte: Acervo da autora (Oliveira, 2019).

A Criança E, de quatro anos, descreve o que desenhou nesta representação:

CE: - Desenhei uma boneca, casinha, sol, dente e flor.

PN: - Por que você fez esses desenhos?

CE - Eu gosto de boneca, e o sol fica no céu, e o dente é o meu dente.

Durante a pesquisa pude notar que, mais uma vez, duas crianças reproduziram os mesmos desenhos. Diferentemente do que ocorreu nas figuras 22 e 23, neste exemplo a semelhança entre os desenhos é marcante.

Figura 27: Desenho Livre



Fonte: Acervo da autora (Oliveira, 2019).

Nesta representação produzida pela criança “ f ” que tem cinco anos de idade, apresentou seu desenho da seguinte forma:

CF:- Eu desenhei um sol, duas casinhas, uma florzinha e uma janela.

PN: - E porque você fez esses desenhos?

CF: - Desenhei a boneca porque, gosto de brincar com ela.

PN: - E você tem bonecas?

CF: - Sim!

CF: - E eu desenhei a casa porque eu tenho uma casinha de bonecar.

PN: - E por qual motivo você pintou ela dessa cor?

CF: - Rrsrs! Porque ela e rosa, e tem um flor que minha mãe colou.

Podemos observar que a Criança F faz referência muito bem detalhada do meio em que vive, sua casa e seus brinquedos. Nota-se que desenha objetos que fazem parte do seu cotidiano. Desta forma, desenhar acaba sendo uma forma da criança lidar com a própria realidade que a cerca reproduzindo em seus desenhos as situações que a constituem.

A semelhança entre os desenhos são bastante marcantes. As representações das Crianças E e F não se encaixam na impressão de serem meras cópias uma vez que crianças aprendem também por imitação. Um poderá se inspirar no desenho da outra. "Conceber o desenho como mera cópia é um tremendo equívoco e uma enorme redução do significado do ato de desenhar e criar." (DERDYK, 1989, p. 111)

Ainda Derdky defende que,

A criança também imita outras crianças. São estímulos que lhe impulsionam o desejo da apropriação, são trocas de experiências. Imitar não implica necessariamente ausência de originalidade e de criatividade, mas o desejo de incorporar o objetos que lhe suscitem interesse. (DERDYK, 1989, p. 110).

As representações produzidas nas figuras 26 e 27 foram realizadas por crianças que estavam sentadas lado a lado na sala de aula. Segundo Derdky (1989), a criança também imita outras crianças. São estímulos que lhe impulsionam o desejo da apropriação, são troca de experiências.

O desenho acaba revelando a própria experiência da criança expressando seus sentimentos, suas impressões, suas vivências e seu conhecimento e por intermédio de relatos pictóricos. A partir destes desenhos poderá o professor atuar explorando a criatividade da criança em seus registros, transmitindo informações e socializando com os demais.

6 ANÁLISE DOS DADOS-DESENHOS

Pautada pelas pesquisas e estudos realizados nessa seção serão apresentadas as análises dos desenhos obtidos na atividade de gravuras realizada com a mediação da pesquisadora. Utilizamos para a atividade em questão o texto infantil “Menina bonita do laço de fita¹⁸”, que relata a história de um coelhinho bem branquinho que faz de tudo para ficar pretinho como uma menina do laço de fita que ele considera linda. Depois de várias tentativas e frustrações, a mãe da menina explica ao coelho que não há como mudar sua cor de origem. O coelho, no entanto, conhece uma coelha bem pretinha, por quem ele se apaixona perdidamente. Eles têm vários filhotinhos, um deles uma coelhinha bem pretinha.

Figuras 28, 29, 30 E 31- Atividades em sala



Fonte: Acervo da autora (Oliveira, 2019)

¹⁸ Menina Bonita do Laço de Fita é um livro de autoria de Ana Maria Machado. <https://tonaniblog.files.wordpress.com/2017/11/menina-bonita-do-lac3a7o-de-fita.pdf>

O livro em questão tem recomendação de ser trabalhado com crianças entre quatro e dez anos. A partir da história é possível abordar diversos temas entre os quais destacamos a diversidade racial.

A história foi contada em sala de aula utilizando-se os recursos do teatro de dedoches. A nosso ver a estratégia contribuiu para que as crianças se apropriassem de valores como o respeito por si mesmas e aos outros.

A partir da contação de história adotamos a estratégia de solicitar uma sequência de três desenhos e optamos pelo segundo desenho que teve como referência a história em questão. Utilizamos como fundamento se a criança fazia os desenhos com uma linha de base. Tomamos essa decisão porque, como alguns desenhos se confundiam optamos pela segunda representação.

A atividade prevista para o encontro do segundo desenho planejado teve como objetivo a interação de todos os participantes. Antes de apresentar a história propriamente dita conversamos com as crianças a respeito de nossa individualidade como seres únicos que somos. Nossas diferenças são da ordem de diferenças genéticas a serem respeitadas e valorizadas.

Como as crianças não tinham domínio de leitura a pesquisadora mediadora fez a narrativa da história; à medida que esta foi sendo contada uma teatralização correspondente, foi sendo encenada com a ajuda de uma pesquisadora auxiliar que seguia movimentando os personagens. Encerrada a interpretação, ao conversar com a turma, tomamos ciência de que as crianças já conheciam a história.

Figuras 32 e 33 - Atividades em sala



Fonte: Acervo da autora (Oliveira,

A nosso ver a organização do ambiente é de suma importância para que haja o envolvimento das crianças mobilizando a sua imaginação e a sua criatividade. Derdyk afirma que,

A criança evidencia a capacidade natural do homem de imaginar, seja através do desenho, seja através do teatro ou de qualquer outra atividade expressiva. Nas atividades do imaginário estão contidas referências do cotidiano, alusões á fantasia, lembranças. (DERDYK, 1989, p. 68).

Uma vez encenado o teatro muitas das crianças participantes queriam contar a historia à sua maneira utilizando os dedoches. Ainda que a história já tivesse sido apresentada regente da sala, ainda assim o fascínio que eles sentiam em ver a história sendo narrada por mim, com o auxílio da minha colega foi muito prazeroso. As luvas com os personagens e a caixa do teatro confeccionada por mim fez toda a diferença. Logo após o teatro demos início as produções de cada criança.

Em seu livro *“Como interpretar os desenhos das crianças”* Bédard afirma que,

Analisar um desenho não é o mesmo que interpretá-lo, pois existe uma diferença real e concreta entre ambos os conceitos. A análise responde a um enfoque técnico e racional e se fundamentar em bases solidamente comprovadas. É o mesmo delineamento que encontramos em psicologia e em psiquiatria. Em algumas especialidades de puericultura¹⁹ já se ensina este tipo de análise aos futuros educadores. (BÉRDARD, 2013, p. 7).

De acordo com a autora a criança entre quatro e cinco anos,

Escolhe as cores em função da realidade (uma árvore marrom com folhas verdes, por exemplo) e talvez, ao começar a escrever, perca o interesse no desenho. Sua capacidade imaginativa é muito forte, razão pela qual os contos de fada atraem muito mais sua atenção. (BÉRDARD, 2013, p. 9).

Importante salientar que cada criança possui um ritmo próprio. Em assim sendo é possível que as idades variem ligeiramente de acordo com cada sujeito.

¹⁹ **Puericultura** (do latim *puer, pueris*, criança) é a área da saúde que se dedica ao estudo dos cuidados com o ser humano em desenvolvimento, mais especificamente com o acompanhamento do desenvolvimento infantil.

Segundo Viktor Lowenfeld e Briyain uma criança que tem quatro anos está em seu primeiro estágio do desenho - a Rabiscção Longitudinal - com duração de aproximadamente dois anos, entre os dois e os quatro anos de idade. Percebe-se que a criança desenha longitudinalmente de forma razoavelmente ordenada. Nesta fase a criança abandona os rabiscos espontâneos bem como os traços desordenados. Com o passar do tempo estes traços vão se aprimorando de maneira mais controlada e organizada transformando-se gradativamente em garatujas. Essa fase é caracterizada pelo fato da criança desenharm símbolos praticamente isolados.

Figura 34 - Desenho com mediação



Fonte: Acervo da autora (Oliveira, 2019)

Nas páginas do resumo do livro “O desenvolvimento da capacidade criadora” de Viktor Lowenfeld e Brittain encontramos a seguinte afirmação:

A maioria das crianças, nesta fase, aborda as garatujas com grande entusiasmo, pois a coordenação entre seu desenvolvimento visual e motor representa uma conquista muito importante. A fruição dessa nova descoberta estimula a criança a variar seus movimentos. A criança ficará, agora, o dobro do tempo entregue aos seus desenhos e, ocasionalmente, tentará cores diferentes no seu trabalho. (GILSON, 2016, s/p).

Na fase da rabiscção longitudinal a criança preenche toda a folha. Os seus traços se tornam mais elaborados e tem maior frequência. Ao perceber seus avanços a criança fará novas descobertas e ficará ainda mais entusiasmada com o próprio desenho podendo assim obter o domínio e o controle em seus desenhos.

Nas representações da página a seguir, realizadas por duas crianças de quatro anos, é possível notar com clareza o surgimento do círculo. A partir da instituição do círculo no repertório da criança ela passará a desenhar outras formas geométricas. Nasce o ciclo dos movimentos contínuos governados pelo ato motor ainda mais instintivo que intencional.

Segundo Derdyk (1989, p. 90), o círculo elevado ao estatuto de forma fechada, tanto de corpo quanto de objeto, assume importância central. Esta conquista gera a noção de autonomia. Atribui a cada signo gráfico um sentido de permanência.

Figuras 35 e 36 - Desenho com mediação



Fonte: Acervo da autora (Oliveira, 2019)

A criança a esta altura é capaz de fazer diferentes tipos de desenhos geralmente a partir de um círculo. Ainda no primeiro estágio da construção de seus desenhos estas crianças encontram-se na fase da *Rabiscação*. Surge a fabulação. A criança passa a apresentar toda a sua criatividade. É possível identificar o surgimento da figura humana ainda que seja de maneira elementar.

De acordo com Lowenfeld e Brittain,

Alguns dos movimentos circulares e traços longitudinais parecem unir-se para formar uma pessoa, no desenho infantil, mas os adultos não devem tentar descobrir a realidade visual nesse conjunto ou dar-lhe sua própria interpretação os professores e os pais devem mostrar confiança e incentivar essa nova espécie de pensamento. (GILSON, 2016, s/p)

Importante se faz que o professor desta etapa da educação domine os estágios do desenho infantil respeitando e favorecendo o processo de criação da criança. A criança brinca ao desenhar e desenha ao brincar; gradativamente perceberá que o seu desenho evolui continuamente para formas mais controladas e voluntárias.

Na próxima representação, realizada também por uma criança de quatro anos, identificamos com facilidade uma figura humana. Esta criança já construiu sua intenção figurativa simbólica, fase esta em que utilizará diversos traços, linhas e círculos e outras figuras geométricas simples caracterizando suas figuras e compondo um enredo.

Figura 37 - Desenho com mediação



Fonte: Acervo da autora (Oliveira 2019)

Esta outra criança de quatro anos representa uma figura humana com intenção figurativa simbólica. Utiliza traços diversos, linhas, círculos, triângulos integrando partes de sua figura. A figuração *pré – esquemática* fase em que essa criança se encontra, os seus desenhos ainda não são alinhados. Nesta fase mesmo que a criança faça relação do desenho com a sua própria realidade ela ainda tem a capacidade de compreender e distinguir o tamanho dos objetos, assim o desenho toma dimensões exageradas.

Lowenfeld e Brittain, afirmam que,

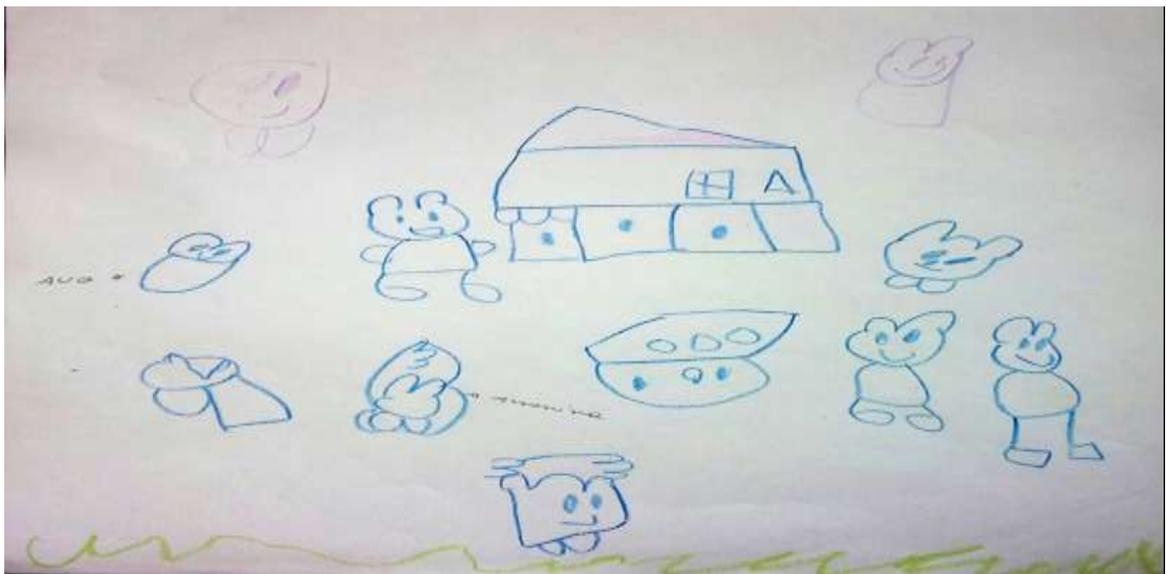
Nesta fase, a criança cria, conscientemente, modelos que têm alguma relação com o mundo à sua volta. Os traços e as garatujas perdem, continuamente, suas relações com os movimentos corporais e passam a ser controladas, relacionando-se com objetos visuais. (Gilson, 2016, s/p)

Para os autores a criança ainda neste estágio:

(...) faz a representação típica de um homem apenas com a cabeça e pés e começa desenhada uma quantidade de outros objetos do seu meio, com os quais teve contato. Essas figuras ou estes objetos aparecem colocados de um modo um tanto desordenado no papel e podem variar consideravelmente, de tamanho. (LOWENFELD; BRITAIN, 1977, p.54 apud SIMAS, 2011, p. 29).

De acordo com os autores, a criança nesta fase começa a representar não apenas o que percebe à sua volta, mas representa igualmente pessoas e objetos significativos ainda que de forma desordenada.

Figura 38: Desenho com mediação



Fonte: Acervo da autora (Oliveira, 2019).

O desenho acima foi produzido por uma criança de cinco anos. Em seu registro pictórico podemos perceber que os objetos e personagens estão sustentados por uma linha de base. Segundo os estágios de Lowenfeld a criança que desenha sobre uma linha de base encontra-se no período *Esquemático*, ciclo por tanto no qual se encontra essa criança. Durante esta fase os desenhos adquirem uma maior riqueza de detalhes. A linha de base representa o chão a partir do qual todas as coisas e objetos ficarão apoiados e escorados.

A linha de base é universal e pode ser considerada parte tanto inerente ao desenvolvimento infantil, quanto ao ato de aprender a correr ou pular. Deste modo, a linha de base parece ser uma indicação de que a criança se apercebeu das relações existentes entre ela própria e seu meio. Passa, então, a colocar tudo nessa linha, que pode representar, evidentemente, não só o chão, onde os objetos estão colocados, como também um piso, uma rua ou qualquer outra base em que ela mesma se situa. (GILSON, 2016, s/p)

Essa fase também é conhecida como simbólica, pois representa-se o mundo com traços e símbolos. Importante lembrar que o desenho é para criança uma linguagem equivalente à fala e aos gestos. O desenho é também uma diversão; é uma linguagem da qual a criança se apropria para se relacionar com o mundo. É nesta etapa que as crianças mais se divertem com os traços e figuras geométricas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste trabalho foi conhecer a importância do desenho infantil para a formação da criança, seu desenvolvimento e sua aprendizagem. A partir de nossos estudos e pesquisas pudemos concluir que o desenho infantil é a primeira manifestação gráfica de uma criança. Por intermédio do desenho ela pode expressar suas ideias, seus pensamentos e suas emoções manifestando seus conteúdos inclusive os mais bem guardados.

Os estudos sobre o desenho demonstram que a representação imagética infantil enquanto linguagem gráfica contribui significativamente para a sua coordenação motora e outras muitas habilidades. Ao observarmos uma criança pequena desenhando poderemos reconhecer o seu corpo inteiro mobilizado no ato criativo do desenhar.

O desenho infantil contribui significativamente para diversas áreas do conhecimento humano em especial para os campos da Psicologia e da Pedagogia.

O desenho é um processo progressivo que exige de nós educadores um conhecimento específico para o entendimento do processo criativo que envolve as nossas crianças. São inteligentes, criativas e pensantes, cabe ao adulto intervir apenas quando for estritamente necessário sem, contudo, interromper as suas criações e produções mais genuínas.

Conhecer as sucessivas etapas do desenho infantil preparará o educador a assumir poderoso instrumento de compreensão das representações imagéticas de nossas crianças. A inegável contribuição de vários autores frente às fases do desenho são um suporte de incontestável relevância nesse processo. A atitude do educador na função de mediador é indispensável na construção das habilidades, ampliação do repertório e experiências criativas para os nossos pequenos.

Esperamos que os conhecimentos adquiridos durante a realização destes estudos e pesquisas nos garanta uma atuação crítica e compreensiva da produção infantil. Como educadora pretendo ter a sensibilidade de perceber e valorizar o significado mais profundo do ato de criar, da expressão das ideias e dos sentimentos de uma criança.

A interpretação do desenho em si, por sua vez é limitada, uma vez que cada um de nós ao analisar um desenho infantil poderá tirar suas próprias conclusões, que coincidirão, ou não com as impressões de quem o produziu. Em função disto

importante se faz o embasamento teórico visando alcançar uma compreensão mais abrangente. Compreendemos que o desenho em si traz valiosas informações a respeito da subjetividade de uma criança e abre reflexões importantes sobre a mesma. O sentido que a criança, em particular, atribui ao desenho produzido, somente ele poderá nos traduzir.

Estamos conscientes de que ainda há um longo caminho a percorrer e que descobertas muitas há por conquistar qualificando ainda mais a nossa ação docente diante desse mundo tão cativante quanto o é o desenho infantil.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

BÉDARD, Nicole. **Como Interpretar os Desenhos das Crianças**. 1 ed. São Paulo: Editora Isis, 2013.

BOMBONATO, Giseli Aparecida; FARAGO, Alessandra Corrêa. **As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade. Bebedouro – SP; 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Versão final**. Brasília: MEC, 2017. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf Acesso em: 02 ago 2019.

CORREIA, Catia Campos. **Desenho na avaliação pedagógica e psicopedagógica**. Ciência Atual - Revista Científica Multidisciplinar da Faculdade São José, Rio de Janeiro, Volume 7, Nº 1, | inseer.ibict.br/cafsj |, 2016, p. 02-16.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989. 239p.

EDWARDS, Carolyn. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância** / Reimp. - Porto Alegre: Artmed, 2008. 319 p.

GONÇALVES, Ilza Ribeiro. **Importância do desenho da criança na educação infantil**. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/5038026>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Ática, 2000.

MACHADO, Ana Maria, **Menina bonita do laço de fita** / 9. ed. 6.impr. - São Paulo: Ática, 2013. 22 p.

MEREDIEU, Florence de, **O desenho infantil** / 11. ed. - São Paulo : Cultrix, 2006. 116 p.

OSTETTO, L. E; LEITE, M. I, **Arte, infância e formação de professores: Autoria e transgressão** / Luciana Esmeralda Ostetto, Maria Isabel Leite / 5. Ed. – Campinas, SP: Papirus, 2004.

GILSON, RESUMO DO LIVRO: **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/323478131/Desenvolvimento-da-capacidade-criadora-docx>. Acesso em: 17 mai. 2019

RODRIGUES, Pedro Eurico [infoescola navegando e aprendendo] [<https://www.infoescola.com/pre-historia/idade-da-pedra/>] acessado em 22/11/2018. → BLOG

SANS, Paulo de Tarso Cheida, A criança e o artista: Fundamentos para o ensino das artes plásticas / 2, Ed. – Campinas, SP: Papirus, 1995

SIMAS, Daiana Leão, Risco e rabiscos: A contribuição do desenho infantil para a alfabetização. 2011. 48f. Trabalho de conclusão de curso – Universidade do Estado da Bahia, 2011.

SILVA, Antônia Galvão da. **O desenho como instrumento de comunicação da criança**. 2014. 38f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Tocantins, 2014.

SOUZA, Ana Paula Bellot de. Evolução do Grafismo na educação Infantil. Pós Graduação – Universidade Candido Mendes Instituto a Vez do Mestre, Rio de Janeiro, 2010. 50 p.

SPADA, Ana Corina; GONÇALVES, Luciano De Jesus; PASSOS, Vânia Maria De Araujo. **Formação de professores: Educação infantil e formação de professores**. 1. ed. Campinas, SP: Autores Associados LTDA, 2015. 225 p.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar** (recurso eletrônico) /: Antoni Zabala; tradução: Ernani F.da F. Rosa; revisão técnica: Nalú Farenzena. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. 224 p.

ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM DE MENOR DE IDADE

ANEXOS



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA**

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM DE MENOR DE IDADE

Eu (responsável legal, (nacionalidade), (estado civil)), portador da Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Rua _____, nº _____, Miracema do Tocantins - TO, representante legal de (nome completo do aluno), (nacionalidade), (data de nascimento), **menor de idade**, _____ (aluno da escola), **AUTORIZO** o uso da imagem de meu filho, em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada em relatórios, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) e material de divulgação em pesquisas acadêmicas da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Miracema, com sede na Rua Lourdes Solino, s/nº, Setor Universitário, Miracema do Tocantins - TO, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou apenas em âmbito acadêmico.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, sob qualquer forma e meios, ou seja, em destaques: (I) relatórios; (II) trabalhos acadêmicos e (III) home page.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito da imagem de meu filho, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à sua imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Miracema do Tocantins, _____

Responsável Legal: _____

Nome do aluno: _____

Telefone p/ contato: _____